

ECOS

da Companhia



VIDA-DESAFIO-ATUALIDADE-HISTÓRIA

BOLETIM BIMESTRAL DAS FILHAS DA CARIDADE
DE SÃO VICENTE DE PAULO

140, RUE DU BAC – 75007 – PARIS

Diagramação:

SETOR DE DESIGN - PROVÍNCIA DE CURITIBA

Impressão:

ICQ GRÁFICA E EDITORA LTDA - CURITIBA/PR

JULHO
AGOSTO
2022
Nº4



Sumário

Vida espiritual

- 194 Carta de 15 de agosto de 2022
Irmã Françoise Petit, Superiora geral
- 198 Comunhão, participação, missão nas Constituições das
Filhas da Caridade para a edificação da Comunidade e do mundo
Padre Salvatore Fari, CM
- 213 A mística do viver juntas “horizontes e esperanças”
Irmã Rosa Maria Miro, Filha da Caridade

Em MARIA
vemos a meta do caminho:
Ela é a primeira criatura que, com todo
o seu ser, de corpo e alma,
cruza vitoriosa a linha de chegada no Céu.
Mostra-nos que o Céu está à mão.
Como assim? Sim, o Céu está à mão,
se também nós não cedermos ao pecado,
contudo, alguém pode dizer: “eu sou fraco”
Mas o Senhor está sempre perto de ti,
porque é misericordioso!
Não esqueças qual é o estilo de Deus:
proximidade, compaixão e ternura;
Ele está sempre perto de nós
com o seu estilo.

Papa Francisco,
cf. Ângelus, 15 de agosto de 2022

Desafio da Fraternidade

- 229 Província do Caribe (Cuba)
Partilha das experiências
As Irmãs da Comunidade São Vicente (Madruga)

Atualidades das Províncias

Testemunhos das Irmãs

- 231 Província España Sur (Marrocos)
São Charles de Foucauld
Irmã Inma Marti, Filha da Caridade
- 235 Província Colônia Países-Baixos
A mística do viver juntas num Lar para pessoas idosas
Claudia Vonier, Coordenadora

História da Companhia

- 238 75º aniversário da canonização de Catarina Labouré
“27 de julho de 1947 - 27 de julho de 2022”
Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade

Carta de 15 de agosto de 2022



Queridas Irmãs,

“Ele acolhe Israel seu servidor fiel ao seu amor...” (Lc 1, 54)

A Igreja propõe que celebremos a Assunção de Maria enquanto meditamos sobre a ressurreição de seu Filho: *“Cristo ressuscitou dos mortos como primeiro fruto dos que morreram”* (1 Cor 15, 20). Com Maria, entramos neste mistério.

Vida Espiritual

Na Capela, na Casa Mãe, as restrições relacionadas à pandemia de Covid-19 tiveram como consequência uma considerável redução do número de pessoas que tinham o hábito de vir diariamente. É evidente que não teve muitos grupos da França ou de outros lugares por mais de dois anos.

Agora, todos retornam! Que alegria ver chegar, aqueles que vinham habitualmente e os peregrinos, ajoelhados aos pés do altar, agradecendo ou fazendo os seus pedidos a Jesus através de Maria. Deus não esquece ninguém e continua realizando grandes coisas.

As Irmãs, cujo serviço é a acolhida na Capela, na entrada, no corredor, nos diferentes escritórios ou na sacristia, são testemunhas e missionárias que escutam as alegrias e as angústias apresentadas à Maria com tanta confiança. Com atenção, elas dedicam tempo para ouvir, para compartilhar, para rezar por aqueles que lhes confiam suas vidas ou as de seus entes queridos.

Todas dizem que estes encontros e o fervor de todos aqueles que entram na Capela as evangelizam e revitalizam a sua própria fé. Agradeçamos pela missão que elas realizam a serviço do Evangelho, através da mensagem de Maria, como também de milhares de pessoas que virão neste dia 15 de agosto.

“Minha alma engrandece o Senhor e exulta meu espírito em Deus, meu Salvador!” (Lc 1, 46-47).

Exaltar de alegria com Maria, neste dia, é uma oportunidade de celebrar a sua esperança, já que ela é a que sempre esperou e que *“nos ensina a virtude da esperança, até quando tudo parece sem sentido”* (Papa Francisco, audiência geral, 10 de maio de 2017).

A situação do mundo é, em parte, objetivamente desesperadora, a violência está à nossa porta e, às vezes, até mesmo nas nossas casas. Lembremo-nos de nossas Irmãs em Burquina Fasso, cuja Comunidade foi vandalizada. Isto aconteceu mais três vezes... Elas tiveram que partir para uma outra Comunidade no mesmo país.

Algumas regiões da América Latina experimentam atualmente um agravamento da repressão. As Irmãs vivem com o povo o desafio da luta pelos direitos humanos que estão sendo violados, sem escrúpulos, pelos que estão no poder. Elas sabem que Deus está presente e *“derruba os poderosos de seus tronos e eleva os humildes”* (Lc 1, 52).

No mês de maio, a Irmã Hanna Cybula, Conselheira geral, e eu tivemos a alegria de ir à Eslováquia, por alguns dias, para celebrar os 100 anos da Província. Estes foram momentos de alegria, de oração e de fraternidade! É a alegria do encontro.

Dedicamos também uma manhã para ouvir as Visitadoras ou as suas Assistentes, as Conselheiras ou mesmo as Irmãs diretamente envolvidas na Ucrânia para fazer um levantamento da situação das Comunidades neste país, na Rússia, na Bielorrússia, assim como na Polônia e na Eslováquia.

Apesar da incerteza e do perigo, as Irmãs voltaram para Odessa, assim como para Balta, perto da Moldávia. Ressaltaram as dificuldades de locomoção, os alertas, o clima de guerra e de sofrimento. Elas estavam especialmente a serviço de mulheres e de crianças, de idosos ou deficientes, já que os homens estão predominantemente mobilizados.

É evidente que não existe mais Comunidade em Marioupol, mas os vizinhos enviaram às Irmãs uma foto da Casa que permaneceu de pé em meio à destruição.

Vinte e quatro crianças de um Lar de Kharkiv chegaram em Storozyniec, onde as Irmãs as acolherão pelo o tempo que for necessário.

Carta de 15 de agosto de 2022

As Irmãs das três Comunidades presentes na Rússia dizem que, por enquanto, não há perigo, mas é preciso prudência e também silêncio! O contato com a Província pode ser feito por telefone.

Na Bielorrússia, as Irmãs das três Comunidades estão em situação semelhante, a tensão está crescendo, os controles são frequentes e muitos jovens estão partindo para o estrangeiro.

Na Polônia e na Eslováquia, a acolhida aos refugiados continua.

O intercâmbio colocou em evidência a intensa colaboração tanto no cerne da Companhia como também para além da Rede Vicentina.

Na Casa Mãe o grupo acolhido da Ucrânia, de 15 mulheres e 8 crianças, começa a diminuir. De fato, três famílias tiveram acesso à moradia e outras devem, por sua vez, obter um quitinete ou um apartamento. O resultado destas etapas é fruto de um esforço de colaboração entre o funcionário da Comunidade de Sant'Egídio, a Associação France-Terre d'Asile e a Prefeitura. É provável que algumas mulheres precisem ficar um pouco mais, incluindo Izolda, 82 anos, viúva e bastante isolada. Todas essas semanas que passamos juntas foram ocasiões de belos encontros, de alguns eventos celebrados juntas e de simples vínculos diários. Podemos falar de amizade e de alegria compartilhada, de agradecimento ao Senhor e continuar rezando para que cada uma possa ao menos recuperar alguma confiança no futuro, que ainda é tão incerto.

Em outros lugares, os conflitos são contínuos. Por exemplo, no Tigré, entre a Eritreia e a Etiópia. No entanto, a Província da Eritreia escolheu ousadamente abrir uma Comunidade no sudeste em Omhajer (Diocese de Barentu). É uma região agrícola e pecuária, mas assolada pela guerra e pela seca. Em seu pedido para o estabelecimento desta Comunidade, a Visitadora escreveu: *“A grande pobreza e o choro contínuo do povo não nos deixam em paz e nos impelem a sair de nossas zonas de conforto”*.

A Província Espanha-Este também abriu uma Comunidade com quatro Irmãs em Barcelona, na favela de um bairro multicultural chamado “Del Raval”. Elas participam do trabalho de uma associação comprometida com as pessoas sem-teto e colaboram na pastoral paroquial.

A realidade da Companhia, como a do mundo, é composta de sombras e luzes, de sofrimentos e momentos de ressurreição, Mistério Pascal do cotidiano a ser vivido na fé. Maria, que experimentou a alegria do “sim”, a alegria da doação e o sofrimento aos pés da cruz, nos mostra o caminho da vida. Ela nos convida a lutar pela esperança que dá sentido ao nosso hoje e nos abre a um horizonte onde Deus está presente.

Para concluir, posso também acrescentar que as três Províncias cujas Visitadoras e Delegadas não puderam comparecer à Assembleia geral foram visitadas pelas Conselheiras gerais, em maio e junho, para lhes transmitir o que havia sido vivenciado. A Irmã Anna Wiwiek foi ao Vietnã e a Irmã Theresa Eke a Madagascar e ao Congo.

A Irmã Luísa Farri já esteve várias vezes na Província de Colônia-Países Baixos. Na verdade, está sendo construído um caminho para um reagrupamento. As 13 irmãs dos Países Baixos se unirão à Província Bélgica-França-Suíça em 21 de agosto. As 26 Irmãs da Alemanha se juntarão à Província de Graz-Central Europa um pouco mais tarde. Esta escolha foi feita para facilitar as relações futuras no nível dos idiomas. Rezemos especialmente pelas Irmãs de Colônia-Países Baixos que vão se separar e pelas duas Províncias que as acolherão fraternalmente.

As outras Conselheiras também foram para as Províncias para tentar recuperar parte do tempo perdido durante estes últimos anos afetados pelo Covid. A Irmã Hanna Cybula foi para a Província de Varsóvia, Irmã Antonia Gonzalez encontrou-se com as Comunidades da Espanha-Este, Irmã Julie Kubasak foi conhecer a Província de Rosalie Rendu, na Grã-Bretanha, Irmã Ana Amélia Cunha acompanhou a Província de Portugal por ocasião da mudança de Visitadora, Irmã Alicia Margarita Cortes Cazares visitou a Província da América Central e a de Cali (Colômbia).

Outras visitas estão sendo preparadas e, como Maria, as Conselheiras gerais estão indo com entusiasmo e alegria às suas Províncias para encontrá-las, sinal de comunhão na Companhia. *"Deus é amor e quer que vamos a ele pelo amor"* (SV, vol. I, p. 97 - cerca de 1630).

Obrigada por suas mensagens por ocasião do dia 15 de agosto que me tocam e me abrem às suas realidades, obrigada por sua oração tão necessária. Permanecemos unidas umas às outras para melhor servir e viver com nossos irmãos e irmãs. Podem contar com a minha oração, como também com a oração de todas as Conselheiras.

Resta-me desejar-lhe uma bela festa da Assunção com todos aqueles e aquelas que lhes são próximos. A exemplo de Cristo e com Maria, sua Mãe, sejam mensageiras de amor e de esperança.

Comunhão, participação, missão nas Constituições das Filhas da Caridade para a edificação da Comunidade e do mundo

INTRODUÇÃO

O ensinamento do Papa Francisco sobre a reforma da Igreja reúne alguns conteúdos essenciais para a vida e missão da Igreja relativos à sinodalidade e à vida consagrada. A Igreja de caridade do Papa Bergoglio está muito próxima da Igreja sonhada e edificada por São Vicente de Paulo.

Durante as suas primeiras experiências pastorais no campo (em Clichy, nas terras dos Gondí, em Châtillon-les-Dombes), Vicente percebeu que, sob o olhar de um povo ignorante, havia uma disposição para o renascimento do cristianismo que o surpreendeu. Mais tarde, olhando para a sua experiência, ele diria que:

“Se há uma verdadeira religião! Deus me perdoe! Falo materialmente. É entre eles, é entre essa pobre gente que se conserva a verdadeira religião, uma fé viva; creem com simplicidade, sem ficar especulando: submissão às ordens, paciência na extrema miséria, em sofrer enquanto aprouver a Deus alguns pelas guerras, outros pelo trabalho dias a fio, sob os grandes ardores do sol. Pobres vinhateiros! Dão-nos o seu trabalho e esperam que rezemos por eles, enquanto se afadigam para nos alimentar”¹.

¹ SV, vol. XI, p. 206, Carta 125, Partilha de oração de 24 de julho de 1655.

O Santo da caridade considera a “religião”, quer dizer o cristianismo, como a religião dos pobres.

“O que me resta da experiência disso é o juízo que sempre fiz de estar na verdadeira religião, a verdadeira religião, meus Senhores, a verdadeira religião está entre os pobres. Enriquece-os Deus com uma fé viva. Creem, tocam, saboreiam as palavras de vida. Jamais os vedes, nas doenças, aflições e penúrias, deixando-se levar à impaciência, às murmurações e queixumes. De modo algum ou raramente.

De ordinário, conservam a paz nas perturbações e nos sofrimentos. Qual a causa disso? A Fé. Por quê? Porque são simples, faz Deus transbordar neles as graças que nega aos ricos e prudentes do mundo”².

Estes textos revelam a simpatia de Vicente pelo povo do campo, um povo esquecido por uma grande parte da Igreja. Ele expressou: “*Ví-os, estes pobres, tratados como animais*”³.

Neste contexto, podemos encontrar um primeiro elemento para renovar o sentido missionário da Igreja, em particular na sua concepção teológica, ou seja, a eclesiologia. No pensamento e no agir de Vicente, vemos a ligação entre a visão do projeto e a ação realizada e, assim, podemos reestruturar o projeto de reforma espiritual da vida consagrada da seguinte forma: só redescobrimo a caridade fraterna e vivendo-a, será possível uma verdadeira reforma da Igreja missionária e, então, uma espiritualidade sinodal ganhará vida. Para pôr em marcha tal reforma, como o Papa Francisco também salienta, é necessária a *metanoia*, conversão pessoal, comunitária e pastoral através de uma revisão da vida espiritual.

Neste tempo em que a Igreja nos pede uma reflexão para viver um estilo sinodal, este meio é proposto às Filhas da Caridade.

A releitura de alguns artigos das Constituições irá traçar um percurso comunitário para aderir o tempo presente e abrir perspectivas de esperança para caminhos existenciais fecundos.

² SV, vol. XII, p. 173, Carta 201 conferência de 14 de março de 1659, sobre simplicidade e a prudência.

³ SV, p. 545, conferência de 18 de outubro de 1655, sobre o fim da Companhia.

A VIDA CONSAGRADA E A PROFECIA DE VIDA!

A Palavra nos introduz no mistério de Deus, a fraternidade nos abre ao serviço dos outros, a sinodalidade cria comunhão eclesial; estes caminhos generativos nos tornam capazes de despertar o mundo e de conduzi-lo a Deus, autor da vida e da história.

I - PARA UMA RENOVAÇÃO ESPIRITUAL DA VIDA CONSAGRADA

A COMUNIDADE VICENTINA A IMAGEM DA SANTÍSSIMA TRINDADE

Através da vida, obras e ensinamentos de Vicente de Paulo, descobrimos que existe, no coração do homem obras de caridade, a profundidade espiritual de um místico. Nas suas conferências, não faltam referências ao mistério trinitário de Deus, e este mistério deve inspirar a vida dos Padres da Missão e das Filhas da Caridade.

Para Vicente a união das três pessoas divinas deve animar a vida das suas Comunidades: *“em primeiro lugar, deveis ter entre vós uma grande união, e se fosse possível, semelhante à das três pessoas da Santíssima Trindade”*⁴. O modelo de unidade de vida proposto por São Vicente é inspirado na unidade da Igreja de Jerusalém, na multidão dos que creem... (cf. At 4, 32). A unidade da comunidade de Jerusalém *“de um só coração e uma só alma”* é o fruto visível da vinda do Espírito Santo sobre os discípulos, no dia de Pentecostes.

⁴ SV, conf. de 6 de janeiro de 1642, p. 34, sobre as faltas do ano findo. [A devoção à Santíssima Trindade é um dos pontos fundamentais da espiritualidade vicentina. Nascida na era carolíngia, a devoção recebeu reconhecimento oficial em 1334 quando João XXII estabeleceu a festa litúrgica para a Igreja universal. A contemplação da Trindade é muito intensa em Santo Inácio e na Ursulina Maria da Encarnação. São Vicente está ligado ao misticismo agostiniano segundo o qual toda a vida deve ser inspirada pela Trindade (cf. De Trinitate 15, 39: PL 42, 1088). Para ele, a ação apostólica da Filha da Caridade é uma busca da unidade de Deus, da qual nasce a unidade dos irmãos, portanto a caridade e a doçura. Também aqui, o misticismo e o apostolado são um só. São Vicente encontra Deus nos seus irmãos e ele encontra os seus irmãos em Deus” (nota na edição italiana).

Em Vicente, a paixão pela unidade de Deus vivida e manifestada nas Comunidades, se traduz pelo compromisso de amor sem limites ao serviço dos pobres. “O conceito de comunhão está ‘no coração da autoconsciência da Igreja’, enquanto Mistério da união pessoal de cada homem com a Trindade divina e com os outros homens, iniciada na fé, e orientada para a plenitude escatológica na Igreja celeste, embora sendo já desde o início uma realidade na Igreja sobre a terra”⁵.

Mantendo o mistério da vida divina diante dos seus olhos, Vicente ensinou às Filhas da Caridade o que elas deveriam fazer: viver e testemunhar a caridade, que é Deus. À luz dos seus ensinamentos, descobrimos a riqueza teológica dos conteúdos que ele pregou e viveu para ajudar a Igreja a viver como uma comunidade que gera o amor de Deus.

Três pontos são sublinhados:

- A unidade a imagem da Trindade;
- A intercomunicação de obra apostólica, aproxima do mistério trinitário;
- A unidade que conduz a realização dos atos de caridade.

As Filhas da Caridade devem viver o mistério da comunhão entre as três pessoas divinas⁶. Para São Vicente, elas precisam ser Comunidades de comunhão de vida, isto implica, na sua identidade e no seu trabalho apostólico. De acordo com o pensamento do Padre Dodin, a vida comunitária, segundo o projeto de Vicente de Paulo, se baseia na fidelidade ao coração de Cristo e ao coração dos pobres, sobre o profetismo, compreendido como evangelização e expansão do amor de Deus no mundo e sobre a contemplação do Cristo nos pobres⁷. As Comunidades vicentinas são comunidades de vida cristocêntrica (viver de Jesus e em Jesus) comunidades onde Cristo é o modelo e para as quais cada membro deve se configurar.⁸

⁵ Congregação para a Doutrina da Fé, Carta aos Bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão, *Communio notio* (28 de maio de 1992), nº 3, in *Acta Apostolicae Sedis* 85 (1993), 838-850.

⁶ Cf. J. LOSADA, *La Iglesia, Comunidad de Caridad*, [Igreja, comunidade de caridade], na *La Caridad carisma vicenciano*, XX semana de estudios vicencianos, Ceme, Salamanca 1993, 151.

⁷ Cf. A. DODIN, *La organización y el espíritu de la vida común según Vicente de Paúl*, [A organização e o espírito da vida comum segundo Vicente de Paulo] in *III semana de Estudios Vicencianos*. Ceme, Salamanca 1975, 150 s.

⁸ Cf. M. PÉREZ FLORES, *Reflexiones sobre la vida en común del misionero vicenciano*, [Reflexões sobre a vida comum do missionário Vicente] dans *Vicentiana* 34/2 (1990), 126-127.

Comunhão, participação, missão nas Constituições

As Comunidades têm por objetivo a missão.

“São Vicente reuniu na Igreja coirmãos que, numa nova modalidade de vida comunitária, se consagrassem a evangelizar os pobres. Com efeito, a Comunidade vicentina se ordena a preparar a atividade apostólica, desenvolvendo-a e apoiando-a, de modo constante. Assim, todos e cada um dos coirmãos, vivendo em comunhão fraterna, se empenhem, mediante uma contínua renovação, em cumprir a missão comum”⁹.

“A missão e o serviço estão na origem da comunidade vicentina. Isto significa que ela não se realiza em si mesma sem a missão e sem o serviço. O perigo de uma comunidade projetada para a missão é um ativismo excessivo que impede a ação comunitária. A evangelização, a missão e o serviço aos pobres são as palavras-chave que determinam a comunidade vicentina”¹⁰.

Destaquemos alguns fundamentos teológicos:

- a fé em Cristo é a origem de toda vocação: o seguimento de Cristo é a resposta;
- a experiência da fé é a experiência do Cristo, e a experiência do Cristo é a experiência do amor;
- a vida e o ser das Comunidades enraizadas no mistério da Santíssima Trindade: *“como a Igreja e com a própria Igreja, é na Trindade que a Congregação encontra o supremo princípio de sua ação e de sua vida”¹¹; e ainda: “A Comunidade local deseja ser a imagem da Trindade, segundo a expressão dos Fundadores, que querem que as Irmãs não sejam senão um só coração e que ajam no mesmo espírito”¹².*

⁹ Constituições da Congregação da Missão, nº 19.

¹⁰ Ver Constituição 32a.: Chamadas e reunidas por Deus, as Filhas da Caridade vivem a vida fraterna em comum em vista da missão específica de serviço.

¹¹ Constituições da Congregação da Missão, nº 20.

¹² Constituição das Filhas da Caridade, nº 32a.

As Constituições apresentam elementos importantes para as Comunidades vicentinas:

- prática das cinco virtudes (humildade, simplicidade, mansidão, mortificação e zelo);
- vida comunitária animada pela caridade;
- vida de oração e especialmente a Eucaristia;
- corresponsabilidade e participação;
- partilha de bens;
- autonomia de cada Comunidade;
- integração na Comunidade;
- atitudes de estima, tolerância e respeito;
- correção fraterna e o desejo de conversão;
- desenvolvimento do Projeto comunitário;
- evangelização e serviço dos pobres;
- relação com a autoridade.

Vicente, ao dar vida às Comunidades vicentinas através da sua paixão por Cristo e pelos pobres, ajudou no processo de reforma da Igreja missionária. No início deste novo século, o Papa Francisco está trabalhando na mesma direção. Em *Evangelii Gaudium*, ele coloca a misericórdia no centro da reforma eclesial. A misericórdia é o Evangelho de Jesus Cristo proclamado e vivenciado na vida quotidiana dos discípulos missionários¹³.

Compete às pessoas consagradas redescobrir o seu lugar especial na Igreja e como ser testemunhas alegres do amor de Deus, como *sentinelas do amanhã, acordando o mundo*”!

¹³ Cf. S. FARÌ, *Lectura vicenciana de la Evangelii gaudium : compromisos que implica para la consagración del vicenciano*, in *Vincencianismo y vida consagrada*, [Uma leitura vicentina do Evangelii Gaudium: compromissos que implicam para a consagração vicentina, in *Vincencianismo e na vida consagrada*], Editorial CEME, Santa Marta de Tormes, Salamanca 2015, 453-485.

II - VIVER A COMUNHÃO COMO SINAL DE FRATERNIDADE

AS FILHAS DA CARIDADE DISCÍPULAS MISSIONÁRIAS DO AMOR DE DEUS

São Vicente trabalhou para a renovação da vida cristã realizando, através da sua vida, um modelo espiritual e missionário ancorado na dinâmica de conversão proposta por Jesus. Viveu uma vida que não podia considerar como correta. A “conversão”, não é apenas uma questão de “voltar atrás”, mas de “mudar o caminho”, “ter outro ponto de vista”, escolher deixar-se amar por Deus e amar o próximo¹⁴.

Esta proposta de renovação da vida cristã é combinada com uma lógica de proximidade com os pobres e com o amor fraterno vivido em Comunidade, num estilo chamado sinodal. O “estilo sinodal” é uma dinâmica humano-relacional que aumenta a nossa conversão às coisas de Deus, ao amor mútuo em Comunidade e com os inimigos, ao dom de nós mesmos aos mais fracos, à construção de um mundo de paz e harmonia de diferenças.

Para as pessoas consagradas, especialmente as Filhas da Caridade, o estilo de comunhão-sinodalidade é um exercício contínuo de abertura ao outro, caracterizando a vida batismal. A comunhão é um horizonte e não um dado adquirido, mas é uma evidência da vida de fé. A construção da comunhão é uma dinâmica relacional, que se aprende através de um melhor conhecimento da própria identidade e da dos outros. Cada pessoa é considerada uma riqueza, uma vez que cada uma traz algo novo às relações.

A característica essencial para lidar com os conflitos é a disponibilidade e a escuta; isto começa com um exercício contínuo de conversão a fim de estar aberto ao Outro que vem, ao Verbo encarnado por amor, a Deus Comunhão trinitária. A dimensão trinitária da vida consagrada compromete-nos a acolher os outros e a viver a comunhão. A aceitação do outro, na dimensão evangélica, é fruto de um renascimento do Alto, segundo o convite de Jesus a Nicodemos (cf. Jo 3, 1-21). De fato, “*o homem e a mulher sofrem a perda*

¹⁴ Cf. J.P. RENOARD, *San Vincenzo Depaul. Una vita fuori dal comune*, [São Vicente de Paulo, Uma vida fora do comum], par N. Albanesi, CLV- Centre liturgique vincetien, Rome 2020.

do rosto, imersos em identidades plurais, muitas vezes virtuais, de ocasião e de máscara”¹⁵.

São Vicente compromete as suas Filhas a viverem as suas vidas numa dimensão de autenticidade relacional. Caso contrário, não lhes é possível construir realmente a fraternidade e alcançar o objetivo da comunhão. A união comum vem de Jesus, Ele é o dom e o horizonte a ser alcançado pela Comunidade que deve viver a dimensão relacional, nutrindo-se da Palavra de Deus e da vida sacramental para criar vínculo com a vida social e comunitária.

“A união é tão excelente que Nosso Senhor se quis dar a nós sob esse belo nome de comunhão. Eis porque devemos desejar que a união permaneça sempre entre nós, visto Deus a amar tanto”¹⁶.

O testemunho de fraternidade é sustentado nas Irmãs pela experiência do Amor generativo de comunhão que é Deus, através de uma vida de profunda oração e união sacramental. A ligação da dimensão sacramental com a da vida comunitária representa a lógica relacional que sustenta as Irmãs no seu desejo de conversão, de diálogo e de serviço mútuo. Na conferência “esconder e desculpar as faltas das Irmãs”, Vicente fala de uma Irmã que não é muito piedosa, aconselha às outras a não lhe censurar, mas, serem bons exemplos para ela e isto irá ajudá-la a repensar. A confissão e a Comunhão são também meios eficazes para praticar a caridade e a tolerância; a oração para obter a caridade e a capacidade de suportar¹⁷.

A beleza da vida em Comunidade não é impedir a diversidade, mas sim harmonizá-la. Tal como uma orquestra precisa da diversidade de muitos instrumentos, cada um com as suas próprias características e peculiaridades, o mesmo acontece com a vida comunitária: trata-se de harmonizar as especificidades através do exercício da escuta, da humildade e da abertura. A autoridade visa orientar harmoniosamente as diversidades, não as nivelando. A unidade envolve a expressão das características de cada personalidade dentro de uma organização comunitária que deve encontrar harmonia e equilíbrio.

¹⁵ CIVCSVA - *Anunciai*, nº 5.

¹⁶ SV, p. 63, conf. de 26 de abril de 1643, sobre a união entre os membros da Comunidade.

¹⁷ Nota da edição italiana, IX, 214.

Comunhão, participação, missão nas Constituições

“Os Superiores sabem que a autoridade que possuem lhes é confiada para realizar a missão da Companhia na Igreja, estimular sua fidelidade ao carisma dos Fundadores, assegurar a formação e o bem de seus membros. Devem conservar e promover a unidade no respeito às diversidades. Estas permitem um apostolado mais eficaz e maior vitalidade na Companhia; implicam opções diversas no que se refere às atividades e ao estilo de vida; estas escolhas são sempre feitas em função do serviço de Cristo nos pobres, segundo o espírito da vocação” (C. 61).

Esta dimensão não é utópica, é um exercício de caridade que se realiza a cada dia, em todo momento, com cada Irmã. As *Constituições* prestam atenção a esta dinâmica do exercício da comunhão com um sentido sinodal. A unidade fraterna requer a revisão contínua do comportamento.

“A comunidade torna-se assim uma comunhão onde cada uma doa e recebe e coloca tudo o que tem e tudo o que é a serviço de todas” (C. 32b).

O exercício da vida em comum nunca é um dado adquirido, deve ser nutrido e verificado. Como podemos verificar este movimento contínuo que nos sustenta e nos envolve nesta dinâmica relacional que é a comunhão fraterna? As *Constituições* oferecem alguns pontos essenciais para esta lógica de comunhão.

“A caridade à qual são chamadas é a mesma de Jesus Cristo que:

- as faz amar a Deus de todo coração;
- favorece e mantém a comunhão entre as Irmãs;
- as impele a servir os pobres e a ajudar toda pessoa a realizar sua vocação de filha de Deus, sem distinção de raça, de cultura, de condição social ou de religião” (C. 18c).

O centro de comunhão para as Filhas da Caridade é, portanto, o próprio Cristo. Não há nenhuma astúcia que nos possa ensinar a amar e a deixarmos amar. É Deus Amor, a origem de todo o Amor, que nos ensina a amar na lógica da liberdade dos filhos de Deus. Deus pode não ser amado pelas

criaturas, mas não podemos impedi-lo de amá-las. Deus Amor olha para nós com misericórdia, Ele nunca nos olha para julgar ou condenar, mas sempre com providência¹⁸.

Nas Constituições, encontramos detalhes para melhor compreender a especificidade da vida fraterna. As Irmãs vivem e são alimentadas pelo amor de Deus, tanto por vocação como por missão. O centro teológico de toda a vida de uma Filha da Caridade é o título dado no início do Seminário: “Filha”, que é a expressão mais íntima do ponto de vista generativo. Exprime a ligação, a pertença e, ao mesmo tempo, o caráter definitivo. Como qualquer filho de famílias humanas, as Filhas da Caridade são geradas pelo Amor de Deus e enviadas para testemunhá-lo em fraternidade evangélica.

A busca constante da comunhão dentro da Comunidade fundamenta-se na *radicalidade da escolha evangélica*, consiste em responder ao apelo de Jesus de amar a Deus e aos irmãos tanto quanto possível. A primeira disposição é deixarmo-nos amar pela Santíssima Trindade para que o amor de Deus fortaleça a nossa vida, a nossa fé pessoal e comunitária. Sem o amor de Deus, ninguém pode levar o Evangelho que é Jesus Cristo, a Palavra de Amor encarnada. Somente uma correta compreensão da tensão entre comunhão e sinodalidade nos coloca, como “Companhia”, na condição de peregrinos, capazes de ver o objetivo a ser alcançado sem queimar as etapas. É uma questão de estar atento às diferentes situações da vida, de nos colocarmos ao serviço de todos para libertar todas as formas de opressão, a começar pela marginalização social, racial e religiosa.

A vocação das Filhas da Caridade é ser testemunha da caridade de Cristo através de uma vida de serviço pela comunhão. A vida em comum nos ensina a adquirir um estilo relacional de proximidade.

Há ainda outro desafio para as Filhas da Caridade: por causa de seu carisma, querido por São Vicente, as Irmãs devem viver uma lógica de comunhão cada vez mais ampla e radical, como uma plena realização humana e cristã¹⁹. O desafio é encarnar o carisma nas diferentes realidades, abrindo-se

¹⁸ Ver Tomas de Aquino, *Super Ioannem*, cap. 1, lec. 16. A ce sujet, cf. I. SCHINELLA, *Il Segno di Giona. Per un'antropologia della Misericordia nell'epoca del post-umanesimo e della neuroscienza*, [o Sinal de Jonas. Por uma antropologia da misericórdia na era do pós-humanismo e da neurociência], Cantagalli, Siena 2016, 321.

¹⁹ Cf. G. BURDESE, *San Vincenzo de' Paoli e le figlie della carità nelle conferenze spirituali. Il martirio della carità*, [São Vicente de Paulo e as Filhas da Caridade nas conferências espirituais. O mártir da caridade], Jaca Book, Milano 2010.

Comunhão, participação, missão nas Constituições

do particular para o universal. A vida fraterna não está limitada à vida de uma única Comunidade, mas deve estar aberta à vida dos outros.

“A Companhia é internacional. O carisma é encarnado e tornado visível nas diversas culturas e nos diferentes países através do mundo:

- *por sua vida,*
- *por seus membros,*
- *por sua organização e representação,*
- *pela **comunhão**, colaboração e partilha entre as Províncias” (C. 6).*

Este desafio deve ser constantemente atualizado. É uma questão de viver o carisma de forma harmoniosa para que as especificidades sejam vividas em um clima de serenidade existencial. O percurso proposto visa a plena realização das pessoas, tornando-as capazes de se abrir à partilha, de acordo com os ensinamentos do Evangelho. Esta experiência é possível quando cada Filha da Caridade está envolvida e se deixa envolver num processo de participação ativa na vida e na missão da Comunidade, de acordo com o mandato missionário recebido no batismo.

II – ENCORAJAR A PARTICIPAÇÃO ATIVA E CONSCIENTE

AS FILHAS DA CARIDADE NA RENOVAÇÃO DA VIDA ECLESIAL

A *participação* plena, responsável e ativa na vida e missão da Igreja foi um dos fundamentos mais inovadores do Concílio Vaticano II. A *participação* vai muito além da “mera participação” em um processo, mas estando consciente e plenamente consciente no processo. Mais uma vez, isto é um desafio. Não é possível que os batizados ou consagrados não participem plenamente da vida da Igreja.

Para atingir este objetivo e alimentar a consciência de todos os batizados, é necessária uma ação determinada no campo da formação, que

possa apoiar e fortalecer o dever de testemunhar e, portanto, de participar da vida e da missão da comunidade eclesial. Em outras palavras, a participação é tanto uma condição de comunhão como, ao mesmo tempo, uma expressão da mesma. Como a comunhão não é um dado, mas um dom a ser recebido e uma tarefa a ser realizada, ela deve ser expressa em formas concretas de envolvimento e responsabilidade.

Assim, a participação é a forma essencial de construir comunidade, considerando todos os aspectos da vida cristã, liturgia, catequese, obras de caridade e solidariedade.²⁰ Deste ponto de vista, não há comunidade a menos que haja partilha, envolvimento e discernimento; estes três elementos testemunham a comunhão, o objetivo de viver na Comunidade como um lugar humano sempre em desenvolvimento. À luz das Constituições, as Filhas da Caridade são chamadas a criar as condições da comunhão e a infundi-las na tomada de decisões e de discernimento pessoal e comunitário. A partir desta dimensão ad intra, a dimensão ad extra será realizada; a vida caracterizada pela participação na comunhão torna-se a manifestação de uma experiência de relacionamento, do ponto de vista humano e evangélico.

A participação é uma forma de expressar o compromisso missionário das Filhas da Caridade chamadas a evangelizar e a ser evangelizadas. O querigma é uma forma de expressar a Encarnação, e é também uma dimensão existencial que não pode ser ignorada na vida de cada Irmã: no modelo do Verbo encontramos a mais verdadeira expressão da *participação* de Deus em nossa condição humana. Através da humildade e da caridade, a participação é sempre uma interdependência entre o divino e o humano. A comunicação do amor de Deus pode ser expressa como um processo humano-relacional de ajuda mútua e solidariedade, sustentado pela graça do Espírito Santo que atua nas pessoas e nas Comunidades abertas à conversão contínua.

*“Formação espiritual: aprofunda nas Irmãs as convicções de fé fundamentadas sobre a experiência de Deus, a oração, conhecimentos bíblicos e doutrinários sólidos que alimentam seu amor à Igreja e o sentido de **participação** na missão” (C. 52b).*

²⁰ Cf. E. BORGHI-G. DE VECCHI (a cura di), *Alle radici della comunità cristiana. Liturgia, catechesi e carità per vivere insieme*, [As raízes da comunidade cristã, liturgia, catequese e caridade para viver juntas], Edizioni San Lorenzo, Reggio Emilia 2022.

Comunhão, participação, missão nas Constituições

A participação está enraizada na fé, mas para que a fé cresça, ela precisa de uma sólida formação bíblica e doutrinária e de uma vida de oração pessoal e comunitária. A experiência de Deus é indispensável para expressar, dentro da comunidade e dos diversos lugares humanos, o amor da missão da Igreja, que é a participação ativa na missão confiada por Jesus²¹.

Esta dinâmica participativa é inerente à vida consagrada das Filhas da Caridade. Ela deve estar aberta à renovação nas funções de responsabilidade comunitária. Estas funções impõem uma lógica de discernimento e preocupação pelo bem e crescimento da Comunidade com a solicitação de um compromisso participativo sempre ativo. Como dizem as Constituições, trata-se de escolher um estilo de participação responsável, a fim de criar um clima de colaboração frutuosa para a vida pessoal e comunitária.

“A Visitadora é designada para um mandato de seis anos pela Superiora geral com seu Conselho. Pode ser designada novamente, apenas por mais três anos. A Província propõe à aprovação da Superiora geral, um método de participação das Irmãs da Província para a designação da Visitadora” (C. 73b).

Este é o aspecto central da participação: o método. É uma questão de concordar com uma modalidade compartilhada que expressa a orientação para chegar à designação da Visitadora. Como o Papa Francisco nos lembrará, este processo nada tem a ver com a lógica de um “partido majoritário”; a Igreja não é uma democracia, como afirmou o Cardeal Joseph Ratzinger. Nesta lógica, o consenso não é o primeiro fator a ser levado em consideração.

Para uma Comunidade de Filhas da Caridade, os valores essenciais a serem vividos são a humildade, a partilha e o serviço. Com relação à responsabilidade do governo, certas habilidades e conhecimentos devem ser acrescentados para permitir que as Irmãs participem da construção da Comunidade com base em um projeto e uma boa organização, com o objetivo de servir o Filho de Deus nos pobres.

“Em vista do serviço de Cristo nos pobres a Comunidade local elabora seu Projeto comunitário. Cada Filha da Caridade está aberta e receptiva ao pensamento de suas Irmãs. Quaisquer que sejam sua idade, sua função, seu serviço, sente-se responsável

²¹ Cf. B. FORTE, *La trasmissione della fede*, [A transmissão da fé], Queriniana, Brescia 2014².

em contribuir com todos os recursos de sua personalidade e as riquezas de sua cultura à missão comum” (C. 35a).

Para a tomada de decisão, especialmente no que diz respeito às Irmãs escolhidas para o governo, como o Conselho Provincial, é necessário acrescentar uma forma de participação viva com envolvimento ativo, consciência e maturidade humana. Conscientes da missão da Companhia, as Irmãs devem refletir e escolher Filhas da Caridade que tenham um sentido de serviço de acordo com o estilo evangélico, capacidades interpessoais, organizacionais e administrativas para ajudar a Comunidade a se desenvolver num clima de comunhão e participação de acordo com o ideal espiritual do carisma vicentino ²².

*“As Conselheiras provinciais são designadas pela Superiora geral com seu Conselho. A Província propõe à aprovação da Superiora geral, um método de **participação** das Irmãs da Província para a designação das Conselheiras” (C. 76a).*

Podemos falar de um processo que envolve tanto valores evangélicos quanto, ao mesmo tempo, capacidades e habilidades humanas que devem ser orientadas para servir o Reino de Deus. O forte senso de participação baseia-se no exercício da responsabilidade pelo bem pessoal e comum, que visa servir às pessoas, quaisquer que sejam sua condição e estado de vida. Em todos os lugares humanos, o Evangelho deve ser proclamado e encarnado com a radicalidade exigida por Jesus, sem “se” ou “porém”. É a lógica do amor ao mistério da Encarnação que se torna o dom total das Filhas da Caridade em conexão com a castidade:

“Resposta de amor a um apelo de Amor, a castidade implica participação no Mistério Pascal, mistério de morte e de vida” (C. 29b).

O coração da vida consagrada é esta resposta ao dom total e radical do Filho de Deus na carne humana, ela mesma deificada e levada ao centro da

²² Cf. C. RICCARDI, *Spiritualità vincenziana. Contributo allo studio del vincenzianesimo*, [Espiritualidade Vicentina. Contribuição aos estudos vicentinos], CLV-Edizioni Centro Liturgico Vincenziano, Roma 2007.

Comunhão, participação, missão nas Constituições

Trindade. A consagração é uma resposta de amor ao Amor não criado que se permite ser imolado no altar da cruz.

A raiz do voto de castidade se encontra no mistério pascal. Este voto representa nossa união com o Noivo, é o casamento místico com o Cordeiro vitorioso, após o sofrimento e a morte. A castidade não é uma obrigação, é uma escolha libertadora, capaz de sublimar todos os aspectos das relações humanas e levá-las ao mistério pascal: não se trata de constrangimentos, sacrifícios ou sofrimento, mas, de um compromisso de amar a Deus acima de tudo e de amar os outros abnegadamente.

A castidade, recebida a cada dia, cada instante, como um dom trinitário, e alimentada pela vontade dos consagrados, participa da vida íntima de Deus”²³.

Na lógica do Evangelho, a participação e a castidade são quase equivalentes. Somente um coração livre é capaz de acolher cada pessoa, sem preconceitos, respeitando o outro em sua diferença. A participação é uma acolhida e um dom total de si mesmo para testemunhar o amor trinitário em cada lugar, para servir os pobres e para anunciar-lhes o Evangelho.

(Continuará)

Padre Salvatore FARÌ, CM

²³ Une lecture fructueuse peut être de G. Forlai, *Spudorata castità. Cos'è, come si vive, come ci guarisce*, [Chasteté éhontée. Ce qu'elle est, comment elle est vécue, comment elle nous guérit], San Paolo, Cinisello Balsamo (Milano) 2016.

A mística do “viver juntas”

Horizontes e esperanças

Esta reflexão sobre a mística do viver juntas corresponde ao trabalho realizado durante as últimas Assembleias. Está também bem ligada à jornada sinodal que estamos vivendo na Igreja e seu convite a tornar-nos *peritos na arte do encontro*²⁴.

Esta reflexão é ilustrada pelo Evangelho da cura do surdo descrita em detalhes por São Marcos. Além de sua cura física, o coração do surdo é capaz de ouvir o chamado para mudar sua vida, reconhecer Jesus como o Messias e proclamar que Ele é o Salvador do mundo.

A palavra “Ephata” também nos desafia, quer nos fazer sair de nós mesmos e descobrir a beleza de sermos filhos de Deus e viver plenamente um relacionamento alegre com Jesus e com os irmãos. À luz desta história do evangelho, nossa reflexão se concentrará em três pontos:

- A mística do viver juntas: horizontes e esperanças;
- A experiência alegre da mística do viver juntas, o dom da Comunidade;
- A urgência de sair porta a fora, ir para favorecer encontros.

²⁴ Cf. Papa Francisco, abertura do Sínodo, 10 de outubro de 2021

I. A MÍSTICA DO VIVER JUNTAS: HORIZONTES E ESPERANÇAS

Deixemos claro desde o início que o misticismo não é um assunto íntimo, desligado da vida real, mas sim uma visão da realidade iluminada pela fé. O que caracteriza a experiência mística é a gratuidade do amor de Deus, Aquele que “nos amou primeiro” (1Jo 4,10).

Estamos vivendo um tempo fascinante e complexo, no qual percebemos o desejo insaciável do coração humano por amor, verdade, justiça e paz, como diz o Papa Francisco em sua encíclica *Fratelli tutti*: *Desejo ardentemente que, neste tempo que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: “Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”*²⁵.

Face à pandemia do Covid-19 que ceifou a vida de tantos dos nossos irmãos e irmãs e agravou as situações dolorosas enfrentadas pelos mais vulneráveis, muitos desafios e questões surgem à medida que a humanidade luta entre a dor e a esperança. O que diz hoje o Espírito Santo à Igreja, à Companhia, a cada uma de nós? Como podemos responder às questões e desafios deste momento particular? *“Com efeito, no coração de cada homem e mulher, habita o anseio duma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo à comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar”*²⁶.

Por trás destes desejos de fraternidade percebemos o apelo do Espírito Santo, que nos impele a descobrir e transmitir a *mística do viver juntas*. A Igreja e a Companhia convidam-nos a fazer isto. *“O amor coloca-nos em tensão para a comunhão universal. Ninguém amadurece nem alcança a*

²⁵ Papa Francisco, *Fratelli tutti*, nº 8

²⁶ Papa Francisco, mensagem para a celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014.

sua plenitude, isolando-se. Pela sua própria dinâmica, o amor exige uma progressiva abertura, maior capacidade de acolher os outros, numa aventura sem fim, que faz convergir todas as periferias rumo a um sentido pleno de mútua pertença. Disse-nos Jesus: “Vós sois todos irmãos” (Mt 23, 8)²⁷.

FAVORECER O ACOLHIMENTO, O ACOMPANHAMENTO E A HOSPITALIDADE

Nestes tempos particularmente difíceis, diante do aumento alarmante da desigualdade e do drama dos migrantes e refugiados para integrar-se nos países que chegam, é mais urgente do que nunca promover o acolhimento, o acompanhamento e a hospitalidade como um sinal profético para os nossos tempos.

Desde as origens, as Filhas da Caridade, que acolhem em seus corações todas as formas de miséria, têm sido enviadas para ajudar os pobres, em todos os lugares, seja qual for a pobreza: *“Mas, vos, minhas queridas Irmãs, destes-vos, principalmente, a Deus... para assistir os pobres... não numa única casa, ... mas por toda a parte, como fazia Nosso Senhor, que não fazia exceção, pois, ajudava a todos os que recorriam a Ele”²⁸.*

Ao longo destes 389 anos de existência, a Companhia esforçou-se para responder aos apelos dos pobres, em toda parte, servindo com coragem e generosidade aos mais abandonados e vulneráveis. Os trágicos acontecimentos de 1652 levaram a Companhia a dar uma resposta verdadeiramente heroica quando a cidade de Paris estava povoada de soldados e praticamente desamparada devido ao grande número de refugiados. As Irmãs estavam envolvidas no acolhimento e cuidado de muitas pessoas pobres e abandonadas. Na Casa Mãe alimentaram 1300 pessoas pobres e cuidaram de 800 refugiados no subúrbio de Saint Denis. Na Paróquia de São Paulo, quatro ou cinco Irmãs davam diariamente comida a 5.000 pessoas pobres, para além das 60 ou 80 pessoas doentes estava sob os seus cuidados...²⁹ E isto tem acontecido em todos os lugares ao longo dos últimos quatro séculos.

²⁷ Papa Francisco, *Fratelli tutti*, nº 95.

²⁸ SV, p. 544, conf. de 18 de outubro de 1655, sobre o fim da Companhia.

²⁹ Coste IV, p. 407 – *lettre à Lambert aux Couteaux, Supérieur à Varsovie*.

CULTIVAR A ESPIRITUALIDADE DA TERNURA

Jesus sempre tratou com ternura e compreensão os doentes, os marginalizados, os excluídos da sociedade, sem condenar ou humilhar ninguém. Precisamos aprender de Jesus como olhar os outros de forma positiva, sem desconfiança, sem julgar pelas aparências. A Bem-aventurada Rosalie também sabia como desculpar os pobres: *“A culpa é deles, diz o mundo:... eles são cheios de vícios e preguiçosos... Se tivéssemos passado pelo que eles passam, seríamos piores que eles... São por vezes violentos? É porque estão com fome!”*³⁰.

*A ternura é também uma espécie de campainha face a um ambiente frequentemente repleto de agressividade. A ternura torna possível o que parece impossível: rejuvenesce os idosos, acalma a criança inquieta, alegre os que estão tristes, desarma os mais fortes. É uma virtude que “denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira abertura ao outro, de amor”*³¹. A ternura é mostrada quando se aproxima do irmão com uma atitude de dedicação, preocupação e atenção, sem dominá-lo, sem escravizá-lo, sem superprotegê-lo.

A Igreja nos ensina a contemplar a Virgem Maria, ícone de ternura e de misericórdia que como uma mãe cuida de cada um dos seus filhos, pequenos e indigentes, necessitados de consolação e de esperança. Como em Caná, Maria, sempre atenta às necessidades dos outros, intervém junto ao seu Filho (cf. Jo 2, 3) e se abandona a sua vontade. *“sempre que olhamos para Maria, voltamos a acreditar na força revolucionária da ternura e do afeto. N’Ela, vemos que a humildade e a ternura não são virtudes dos fracos, mas dos fortes...”*³²

VIVER A LÓGICA DO DOM E DA GRATUIDADE

Seguir Jesus nos faz descobrir a possibilidade de viver um amor gratuito e altruísta. É um autêntico desafio num mundo marcado pelo desejo insaciável de ter, o que deterioram subtilmente as relações interpessoais e até mesmo o viver juntas. A lógica do dom e da gratuidade vem da experiência

³⁰ Cf. Henri Desmet, *Sœur Rosalie, une Fille de la Charité, 50 ans d’apostolat au quartier Mouffetard*, [Irmã Rosalie, uma Filha da Caridade, 50 anos de apostolado no bairro Mouffetard] Editions Pierre Krémer, 1954, p. 321.

³¹ Papa Francisco, *homilia* de 19 de março de 2013.

³² Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, n° 288

íntima de sentir-se favorecida pelo amor de Deus. “*Recebestes de graça, de graças dar!*” (Mt 10,8).

A oferta da pobre viúva que depositava duas moedas no cofre do templo é comovente. Contrastava com a ostentação dos fariseus que chamavam a atenção sobre si ao dar esmola. Jesus diz aos seus discípulos: “*Em verdade vos digo: esta pobre viúva deu mais do que todos os que lançaram no cofre, porque todos davam do que tinham em abundância; esta, porém, pôs, de sua indigência, tudo o que tinha para o seu sustento*” (Mc 12,43-44).

Somos chamadas a ser testemunhas de uma nova fraternidade, baseada na lógica do dom e da gratuidade, capaz de transformar as pessoas, favorecer relações, promover a partilha face à tentação de uma vida fácil e a obsessão do bem-estar. A verdadeira riqueza da pessoa está na sua capacidade de se doar sem procurar recompensa, de servir gratuitamente, de perdoar com sinceridade sem se considerar melhor que o outro, de devolver o bem pelo mal ou pelas ofensas recebidas.

A lógica da doação é o fundamento da vida fraterna; sem ela, a humanidade corre o perigo de morrer de sede espiritual: “*Se amais os que vos amam, que recompensa mereceis?...E se fazeis bem aos que vos fazem bem, que recompensa mereceis? Pois o mesmo fazem também os pecadores*” (cf. Lc 6,32-35). Acima do direito e do dever está a gratuidade do amor que nos une uns aos outros e culmina na alegria da doação.

CUIDAR DA FRAGILIDADE

Na sociedade atual, verificamos que existem problemas causados pela solidão que afeta os doentes crônicos, as pessoas idosas, a falta ou a fragilidade de vínculos familiares das pessoas sem abrigo ou que se encontram na prisão. Nos grandes centros urbanos, muitas pessoas encontram-se isoladas, sem nenhuma comunicação. A indiferença e a solidão são sintomas de uma sociedade desumanizada.

Diante do enfraquecimento dos vínculos, face às rupturas e fragmentação social, torna-se urgente cuidar da fragilidade, apreciar a riqueza de acompanhar as pessoas mais vulneráveis e abandonadas e encorajar a uma esperança que não decepciona. A fé constitui um poderoso apoio nos momentos de sofrimento e de solidão. É um privilégio poder contemplar o Senhor e visitar em seu nome tantas pessoas desesperadas, desmoralizadas, esquecidas.... “*Uma Irmã irá dez vezes por dia visitar os doentes e dez vezes*

A mística do “viver juntas”

por dia encontrará Deus neles”³³. Certamente, existe uma profunda relação entre a fé e o amor dos irmãos, particularmente os mais frágeis, que de maneira nenhuma devemos deixá-los sozinhos³⁴.

Cuidar com dedicação implica assumir grandes desafios, sacrifícios, muita generosidade e disponibilidade. A atenção dada aos outros expressa sentimentos de proximidade, de ternura, de apoio. Nossa responsabilidade de cuidar da pessoa que sofre alguma perda de faculdades mentais exige a proteção da sua identidade - face à manipulação e negligência - e ter um grande respeito pela sua dignidade.

Cuidar de pessoas frágeis produz uma grande satisfação. Fico tocada quando me lembro de uma mulher que consagrou muitos anos a cuidar de uma pessoa com a doença de Alzheimer e que dizia: “toda vez que estou com uma pessoa com Alzheimer, é um presente para mim, um dom de Deus.”

II- A FELIZ EXPERIÊNCIA DA MÍSTICA DO VIVER JUNTAS, O DOM DA COMUNIDADE

PARA O LOUVOR E A GLÓRIA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

A mística do viver juntas está enraizada na espiritualidade da comunhão que começa com um olhar do coração para o mistério da Trindade que habita em nós e cuja luz também deve ser reconhecida nos rostos dos irmãos e irmãs que nos rodeiam. Isto torna-nos conscientes da presença amorosa do Senhor em nós e nos outros. No silêncio e no diálogo amigável e confiante com Jesus Cristo, descobrimos tudo o que embeleza a vida humana. Cada pessoa é um tesouro inesgotável.

O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da vida cristã... é a luz que nos ilumina³⁵. Afirmar que “Deus é amor” (1Jo 4,8) significa confessar que Ele é Trino, Família, Comunidade. Neste sentido “a *mais alta*

³³ SV, p. 170, conf. de 13 de fevereiro de 1646.

³⁴ Cf Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 48

³⁵ Cf. Catecismo da Igreja Católica, nº 234

vocação do homem é entrar em comunhão com Deus e com os outros homens, seus irmãos”³⁶.

Visto que este é o mistério central da Igreja, a Santíssima Trindade está no coração da liturgia. Evocamos a Santíssima Trindade fazendo o sinal da cruz, na Eucaristia, nos outros sacramentos, e no final das orações litúrgicas. O louvor “*glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo*” já aparece em um documento dos primeiros séculos: no martírio de São Policarpo, onde lemos: “*A Ele (Jesus Cristo) seja a glória com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Amém*”³⁷.

*Cada Comunidade fraterna, na Igreja, deseja refletir a profundidade e a riqueza deste mistério, configurando-se como um espaço humano habitado pela Trindade*³⁸. *O amor trinitário nos fala de dom, de comunicação, de comunhão, que são dimensões constitutivas da Comunidade. No meio de um mundo fragilizado pela violência, desigualdade e a divisão, somos chamadas a testemunhar a comunhão fraterna.*

*Os Fundadores animavam as Irmãs para viver relações fraternas inspiradas na Santíssima Trindade: “Em primeiro lugar, deveis ter entre vós uma grande união, e se fosse possível, semelhante à das três pessoas da Santíssima Trindade; pois, como podeis praticar a caridade e a mansidão para com os pobres, minhas queridas Irmãs, se a não tivésseis arraigada em vós?”*³⁹

ELOGIO À VIDA FRATERNA

"Oh, como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem juntos.

É como um óleo suave derramado sobre a fronte, e que desce para a barba, a barba de Aarão.

É como o orvalho do Hérmon, que desce pela colina de Sião; pois ali derrama o Senhor a vida e uma bênção eterna." (Salmo 132).

³⁶ CIVCSVA, “A vida fraterna em comunidade”, nº 9.

³⁷ Año Cristiano. BAC, Madrid 1959, p. 171 et ss.

³⁸ Cf. Exortação Apostólica pós-sinodal Vita Consecrata, nº 41.

³⁹ SV, p. 34, conf. de 6 de janeiro de 1642.

A mística do “viver juntas”

O salmo 132 é um hino à fraternidade que espalha frescor e prazer, como o doce perfume na cabeça e no rosto, ou as gotas de orvalho, que de manhã penetram na terra ressequida. O contexto deste salmo é o da peregrinação anual dos judeus ao Templo de Jerusalém.

Os peregrinos cantavam a felicidade de viver unidos pela mesma fé, esperança e amor. A comunhão fraterna expressa intensamente uma beleza e atração especiais. Em sua apologia contra os pagãos, Tertuliano oferece-nos um testemunho pessoal da vida dos primeiros cristãos. Os pagãos, fascinados pela harmonia fraterna que reinava entre os discípulos de Jesus, exclamaram com entusiasmo: "*Vede como eles se amam*" (Atos 4,32-37).

Os testemunhos dessas primeiras Comunidades cristãs, são admirados pelos seus contemporâneos, e são o resultado do zelo dos primeiros Padres da Igreja que fizeram de tudo para manter vivo os ensinamentos do Mestre. Recordemos alguns dos seus escritos:

“...O forte cuide do fraco e o fraco, por sua vez, respeite o forte. O rico preste serviço ao pobre e o pobre, por sua vez, renda graças a Deus, que lhe deu o suficiente para suprir sua falta. O sábio manifeste sua sabedoria não por palavras, mas por obras. O humilde não dê testemunho de si mesmo, mas permita que o outro o dê a seu favor...”⁴⁰.

“... Preocupa-te com a unidade, acima da qual nada existe de melhor. Suporta a todos, assim como o Senhor te suporta. Suporta a todos no amor, como já o fazes. Cuida que as orações não cessem. Pede sabedoria maior do que essa que tens. Vigia com espírito vigilante. Fala a cada um em particular, conformando tua maneira à de Deus. Carrega as doenças de todos, como perfeito atleta. Onde o trabalho é maior, maior é o ganho”⁴¹.

A BELEZA DE UMA VIDA FRATERNA CONFORME O EVANGELHO

⁴⁰ Carta de São Clemente Romano aos Coríntios, 38, 2.

⁴¹ Carta de Santo Inácio de Antioquia à São Policarpo 1, 1-4.

Na sociedade atual de informações e comunicações, é indispensável fomentar relações humanas sólidas inspiradas nos valores evangélicos. “*A Palavra, fonte genuína de espiritualidade de onde se bebe a ‘sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus’ (Fl 3,8), deve habitar o cotidiano da nossa vida. Somente assim o seu poder (cf. 1 Ts 1,5) poderá penetrar na fragilidade do humano, fermentar e edificar os lugares da vida comum, retificar os pensamentos, os afetos, as decisões, os diálogos tecidos nos espaços fraternos. A exemplo de Maria, a escuta da Palavra deve tornar-se sopro de vida em cada instante da existência*”⁴².

Sabemos por experiência o valor das nossas palavras e a sua capacidade de tornar a vida fraterna mais bela ou mais difícil. Uma palavra amável é um bálsamo que cura, é uma fonte de alegria e encorajamento em tempos difíceis. A Palavra de Deus ilumina-nos sobre o bom uso que devemos fazer das nossas palavras. “*Nenhuma palavra má saia da vossa boca, mas só a que for útil para a edificação, sempre que for possível, e benfazeja aos que ouvem*” (Ef 4,29). Sem dúvida, muitos conflitos nas relações humanas poderiam ser resolvidos com uma atitude de escuta atenta e cordial. “*Meu filho, se me ouvires com atenção, serás instruído; se submeteres o teu espírito, tu te tornarás sábio*”⁴³, nos diz o livro do Eclesiástico.

São Vicente e Santa Luísa deram bastante importância à qualidade das relações comunitárias: “*O respeito cordial vos fará interpretar bem tudo quanto as vossas Irmãs disserem, pois ninguém se zanga com o que diz uma pessoa que se ama... As que não seguem a máxima que São João dava aos seus ouvintes, molestam-se com tudo, interpretando tudo mal e nunca desculpam nada... A prática da cordialidade produz o respeito que deveis umas às outras, não como o mundo se respeita, de aparência e exterioridade, o que jamais deverá ser, mas por caridade e da maneira que São Paulo nos ensinou. Sabeis o que ele dizia? ‘Seja cada um solícito em honrar o outro’ (Rm 12,10)*”⁴⁴.

Estamos certamente convencidas de que uma autêntica vida fraterna precisa cuidar dos tempos de comunicação nas suas mais variadas expressões: partilha de fé, revisão comunitária, reflexão apostólica, até à informação mútua e a simples comunicação do que acontece no dia-a-dia: “Parece-me

⁴² CIVCSVA, p. 42, Perscrutai, aos consagrados e consagradas no caminho dos sinais de Deus, nº 9.

⁴³ Livro do Eclesiástico, 6, 33.

⁴⁴ SV. Conf. de 1º de janeiro de 1644, sobre o respeito cordial, pág. 99-100.

A mística do “viver juntas”

ver-vos, a ambas, em grande paz, desejando estimular-vos uma à outra, à união e à cordialidade que consiste em comunicar-vos, mutuamente, contando tudo o que cada uma fez quando separadas, dizendo também, uma à outra, onde vão quando sairdes: uma deve fazê-lo por obrigação de submissão e a outra, por obrigação de tolerância”⁴⁵.

A comunicação favorece a harmonia e a união na vida comunitária, promove a corresponsabilidade, estimula a participação. Pelo contrário, a falta de diálogo dá origem ao individualismo, à indiferença, ao anonimato, ao isolamento e à solidão. Por vezes a acumulação de tarefas, um ritmo de vida que esgota e dispersa, absorve todas as energias e impedem a calma necessária para a escuta e o diálogo. É importante dedicar tempo, saber esperar e refletir para dar uma opinião e amadurecer uma decisão. É desejável perguntarmo-nos se sabemos discernir todas as informações que recebemos, assim como a utilização inadequada dos meios de comunicação podem gerar uma *“dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas”⁴⁶.*

É significativo que na “Divina Comédia”, Dante Alighieri descreve o último círculo do inferno como um lago congelado onde o diabo está sentado num trono de gelo. A sua morada é o amor sufocado⁴⁷. Uma forma pateticamente poética de expressar que o inferno existe quando o amor é asfíxiado. A falta de amor é um inferno!

A MÍSTICA DO VIVER JUNTAS EM COMUNIDADE, LUZ E PROFECIA

Num mundo angustiado que tenta superar as graves sequelas da pandemia do coronavírus, face a uma sociedade que favorece o individualismo, fecha-nos em nós mesmos e nos torna indiferentes à realidade dos pobres, é ainda mais urgente testemunhar a comunhão fraterna de uma forma bela e atraente. *“É preciso revigorar a consciência de que somos uma única família humana. Não há fronteiras nem barreiras políticas ou sociais que permitam isolar-nos e, por isso mesmo, também não há espaço para*

⁴⁵ SL, C. 482, p. 527 e 528

⁴⁶ Papa Francisco, Exortação Apostólica pós-sinodal: *Christus Vivit*, nº 88

⁴⁷ Cf Papa Francisco, *Mensagem para a Quaresma de 2018*

a globalização da indiferença”⁴⁸. “Que todos possam admirar como vos preocupais uns pelos outros, como mutuamente vos encorajais... Foi o que Jesus, com uma intensa oração, pediu ao Pai: “Que todos sejam um só (...) em nós [para que] o mundo creia” (Jo 17, 21)”... “Não deixemos que nos roubem a comunidade!”⁴⁹.

Uma vida comunitária, acolhedora e cordial, pobre e simples, irradia paz, alegria e esperança, é um sinal profético, é um anúncio da boa nova do Senhor. “Essa alegria é fruto do Espírito e envolve a simplicidade da existência e o tecido monótono do cotidiano. Uma fraternidade sem alegria é uma fraternidade que se apaga... Uma fraternidade rica de alegria é um verdadeiro dom do Alto aos irmãos que sabem pedi-lo e que sabem aceitar-se empenhando-se na vida fraterna com confiança na ação do Espírito”⁵⁰.

Será que vivemos na Comunidade com o fervor das primeiras comunidades cristãs, ao ritmo da Palavra e do partir do pão, em comunhão fraterna, partilhando o que somos e o que temos? Os sinais da vitalidade espiritual da Comunidade são o clima de fé, de alegria, de zelo apostólico, da vontade de conversão, a capacidade de perdoar, de rever e de mudar. Para isso, é necessário discernir no Projeto comunitário os objetivos que queremos alcançar e os meios adequados⁵¹. É preciso mencionar como o interesse no crescimento pessoal e no cuidado da formação, como um processo de configuração progressiva com Cristo, como uma transformação da mente e do coração⁵².

A Comunidade local é responsável pelo anúncio do Reino de Deus, ela testemunha Jesus Cristo por sua vida fraterna e de serviço: “Animai-vos umas às outras, e que os bons exemplos, que mutuamente vos derdes, façam mais do que poderiam realizar as palavras”. “..podeis ter certeza de que tudo correrá bem e dareis bom exemplo aos de fora, sendo tão profundas entre vós a cordialidade e a união..”⁵³. Na *Evangelii Gaudium*, nos são mostrados os sinais que enfraquecem ou esfriam o amor dentro da Comunidade: “acédia egoísta, o pessimismo estéril, a tentação de se isolar, a mentalidade mundana

⁴⁸ Papa Francisco, Encíclica *Laudato Si*, nº 52

⁴⁹ Cf Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 99 e nº 92

⁵⁰ “A vida fraterna em comunidade”, nº 28

⁵¹ Cf *Constitution* 37

⁵² Cf Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica: Vita Consecrata*, 69

⁵³ SL, C. 613, página 654.

A mística do “viver juntas”

que leva a se preocupar apenas com as aparências, diminuindo assim o entusiasmo missionário”⁵⁴.

O essencial é tomar consciência da força profética da comunhão fraterna. “Sempre que procuramos voltar à fonte e recuperar o frescor original do Evangelho, despontam novas estradas, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras cheias de renovado significado para o mundo atual”⁵⁵.

III. A URGÊNCIA DE SAIR PORTA AFORA, IR PARA PROMOVER ENCONTROS

SAIR PORTA AFORA, ATRAVESSAR BARREIRAS

A porta possui um símbolo sugestivo e evocativo. O Evangelho ensina-nos que Jesus é a porta que conduz à salvação, à vida em sua plenitude (cf. Jo 10, 9). Os Atos dos Apóstolos nos dizem que antes de Pentecostes, as portas do Cenáculo estavam fechadas, os apóstolos viviam com medo, até a vinda do Espírito Santo.

A porta permite o acesso entre dois locais diferentes, ela pode permitir ou impedir a passagem. Uma porta que está sempre aberta dá acesso à graça, à luz, à verdade. Mas as portas são frequentemente fechadas por suspeita, desconfiança, preconceito... Há também diferenças sociais escandalosas entre os privilegiados e os pobres. Quantas portas devem ser atravessadas para se alcançar uma humanidade renovada, transformada pelos dons do Espírito Santo?

Há uma necessidade urgente de romper as barreiras da injustiça, que gera não só empobrecimento material, mas também insegurança, medo e impotência... É urgente ultrapassar a barreira da indiferença que humilha e impede de nos maravilharmos. Precisamos abrir os nossos olhos para ver as misérias do mundo e as feridas de tantos pobres, precisamos de aguçar a nossa audição para ouvir os seus clamores!⁵⁶

⁵⁴ Cf. Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, 81-109

⁵⁵ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 11

⁵⁶ Cf. Papa Francisco, *Misericordiae vultus*, 15

É urgente abrir as portas à vida, vigiá-la desde o início da existência até à morte natural. É imperativo oferecer um grande apoio às mulheres que sofrem regularmente discriminação ou são vítimas de escravatura, que corajosamente fazem a escolha de serem mães no meio de muitas inseguranças. Há uma necessidade urgente de defender a família ameaçada por ideologias que propõem modelos opostos à concepção cristã da vida. A luta pela dignidade da pessoa e a defesa dos direitos humanos é uma prioridade.

É indispensável abrir a porta à verdade - face ao relativismo e ao subjetivismo - que conduzem à ausência de valores absolutos, com graves consequências para a vida humana e social. É necessária uma atitude de discernimento face a “notícias falsas”, que se espalham sobre temas transcendentais, por vezes sob a capa de meias verdades. Como o Papa Francisco salienta, as maiores tentações a que se pode succumbir - tanto através dos meios de comunicação como na vida quotidiana - são a calúnia, a difamação, a desinformação e a doença da coprofilia.

É imperativo abrir as portas da paz e da esperança, face a tantas situações de medo, angústia e desespero. “...*Na escuta mútua, podem crescer também o conhecimento e a estima do outro, até ao ponto de reconhecer no inimigo o rosto dum irmão*”⁵⁷.

Hoje mais do que nunca, existe um grande desafio que é o de abrir as portas à mensagem de Jesus Cristo. Na pessoa há um desejo profundo que não pode ser satisfeito por coisas materiais. Por este motivo, as Filhas da Caridade “*têm como principal preocupação fazê-los conhecer Deus, anunciar-lhes o evangelho e tornar presente o Reino*”⁵⁸. *Diante da atual crise de valores, nossa sociedade precisa de uma bússola para orientar seus passos. Será que queremos mostrar às crianças e aos jovens a alegria do Evangelho, a felicidade de seguir Jesus Cristo? Será que os convidamos a descobrir o carisma vicentino, propondo-lhes que se coloquem a serviço dos pobres?*

IR ÀS PERIFERIAS GEOGRÁFICAS E EXISTENCIAIS

Somos chamados a ser uma Companhia em “saída”, para servir indo e vindo, com alegria, generosidade e gratuidade, a exemplo de São Vicente e Santa Luísa. Assim, a disponibilidade e a mobilidade são, portanto,

⁵⁷ Cf Papa Francisco, *mensagem para o Dia Mundial da Paz*, 1º de janeiro de 2020.

⁵⁸ Constituição 10a.

A mística do “viver juntas”

indispensáveis⁵⁹. A caridade de Cristo nos exorta a fazer nosso, o sofrimento dos pobres.

Estar presente nas favelas de miséria, desânimo e solidão, para mostrar que a ternura de Deus não tem limites.

Sair de si mesmo para ir aos lugares de miséria, de grande precariedade, onde nossos irmãos e irmãs não têm recursos suficientes para viver com dignidade; ir ao encontro daqueles que estão mais distantes, mais esquecidos, aqueles que pedem ajuda e consolo; ir aos lugares inóspitos onde estão migrantes e refugiados, as pessoas que são objetos de abuso, de tráfico, de escravidão...

Ir para o mundo rural esquecido onde os recursos da terra são roubados, ou para as zonas suburbanas onde vivem as pessoas marginalizadas, desenraizadas e excluídas. Ir para a prisão, *“uma das periferias mais desagradáveis, onde há mais dor. Ir para a prisão significa, antes de tudo, dizer a si mesmo: “Se eu não estou aqui, como ela, como ele, é por pura graça de Deus!...”*⁶⁰

Ir ao encontro das pessoas afetadas por longas doenças e dores, acompanhar as pessoas mais frágeis e desfavorecidas e ouvir os apelos evangélicos que possam ressoar para nós; ir às periferias da fragilidade, cuidar das crianças em perigo e dos idosos abandonados.

Ir para os desertos onde Deus está longe, ou mesmo ausente, para oferecer às crianças, adolescentes e jovens critérios que deem sentido e orientem suas vidas na fé e na esperança. As novas gerações de crianças e jovens, que desejam a liberdade e buscam a felicidade, precisam construir suas vidas sobre bases sólidas e ouvir Cristo que os convida a serem seus amigos. Os jovens precisam descobrir que Nele encontrarão Amor e Vida, verdadeira liberdade, a plenitude da felicidade.

ENCONTRAR-SE, CRIAR ESPAÇOS DE FRATERNIDADE

Ao contemplarmos a beleza e grandeza da Criação, os nossos olhos iluminados pela fé descobrem como tudo nos fala de Deus e do seu amor. Tal como o salmista, sentimo-nos convidadas aabençoar e louvar o nosso

⁵⁹ Cf. Constituição 12.

⁶⁰ Discurso Papa Francisco às Comunidades de Vida Cristã (CVX), quinta-feira, 30 de abril de 2015.

Criador. “.. *Senhor, meu Deus, vós sois imensamente grande! De majestade e esplendor vos revestis, envolvido de luz como de um manto*” (Salmo 103, 1-2). Desta experiência nasce a alegria, a gratidão, o reconhecimento de que tudo é um dom de Deus que criou o mundo por amor e nos chama a ser seus filhos, a viver como irmãos.

Criados à imagem e semelhança do Deus Amor, trazemos sempre no coração o desejo de viver em comunhão. Como afirma São Basílio, “*nada é tão específico da nossa natureza como entrar em relação uns com os outros, ter necessidade uns dos outros*”⁶¹. *Na nossa cultura mediática, é necessário criar espaços de encontro, face a face, saindo de nós mesmos como um verdadeiro Êxodo para nos unir aos outros.*

*A mística do viver juntas é um exercício de profunda humanidade que envolve a mudança do tecido social tingido pela fria indiferença em espaços e tempos imbuídos de valores evangélicos. A fé nos impele a favorecer encontros e a tecer laços, porque numa atitude de abertura aos outros, a pessoa encontra a sua plena realização. A mística do viver juntas leva-nos a fomentar vínculos humanos e espirituais, incentiva a troca de dons, a partilha de bens, a realização de projetos comuns. “Neste tempo em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada..”*⁶².

Uma Comunidade de Filhas da Caridade é chamada a oferecer e promover encontros com crianças, jovens, idosos, sem abrigo, etc. É chamada a fomentar tempos e espaços para compartilhar, rezar e celebrar juntos a fé, para tecer laços fraternos estreitos onde os pobres se sintam fraternalmente acolhidos, se encontrem em família e disfrutem do calor da amizade. Encontros que os estimulem, lhes tragam o que precisam para viver com dignidade, os ajudem a descobrir e a amar Jesus porque só n'Ele encontrarão amor, paz, alegria e esperança.

⁶¹ Bento XVI, *Mensagem para a 43º dia mundial das Comunicações Sociais* (2009), citado na mensagem do Papa Francisco para a 53º dia mundial da comunicações sociais (2019).

⁶² Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, nº 87

A mística do “viver juntas”

BETÂNIA, ÍCONE DO VERDADEIRO ENCONTRO

Betânia é um vilarejo a três quilômetros de Jerusalém. Ali viveram Marta, Maria e Lázaro, os amigos de Jesus. Era um verdadeiro lar onde Jesus gostava de visitar: a atmosfera que reinava estava cheia de fé e amor, exalava a paz, era um convite à tranquilidade.

Durante a sua vida pública, a casa de Lázaro foi o refúgio de Jesus quando ele se encontrava nas proximidades. Gostava destes encontros familiares, recebia e oferecia amizade. Havia confiança mútua, ali as suas palavras eram compreendidas e aceitas, eram guardadas como tesouros.

Hoje em dia, muitas pessoas são empobrecidas, famintas de encontros, precisam de criar ou fortalecer laços, de viver em espaços onde se sentem acolhidas e amadas. Somos chamados a criar novas “*Betânias*”, novos lugares de encontro, espaços calorosos e fraternos onde respiramos o aroma do Evangelho, onde os pobres sentem que são filhos preferidos, amados e abençoados por Deus Pai.

Para as Filhas da Caridade, Betânia é o lugar ideal para aprender a mística de viverem juntas na beleza da vida quotidiana, ouvindo com entusiasmo o Mestre, como Maria, e servindo-o com um amor humilde e simples, a exemplo de Marta.

Irmã Rosa Maria MIRO

Filha da Caridade

Província do Caribe (Cuba) Partilha das experiências

“Diante de tanta dor, à vista de tantas feridas, a única via de saída é ser como o bom samaritano. Qualquer outra opção deixa-nos ou com os salteadores ou com os que passam ao largo, sem se compadecer com o sofrimento do ferido na estrada. A parábola mostra-nos as iniciativas com que se pode refazer uma comunidade a partir de homens e mulheres que assumem como própria a fragilidade dos outros, não deixam constituir-se uma sociedade de exclusão, mas fazem-se próximos, levantam e reabilitam o caído, para que o bem seja comum” (Fratelli Tutti, 67).

D

Desafio
da Fraternidade

Cuba é um país de clima tropical, constituído de planícies e planaltos calcários, além das montanhas do sudeste. Ao sul da capital está a nossa pequena Comunidade São Vicente, em Madruga. Muito longe de Madruga, existe um pequeno povoado, muito precário, Santa Brígida, que reúne aproximadamente dez famílias que vivem abaixo da linha da pobreza. Longe de tudo, estas famílias esquecidas pela sociedade, alojadas em barracos improvisados, tentam sobreviver. A sua prioridade é de se alimentar.

O relatório do Serviço Social deste povoado é angustiante: nenhuma instalação sanitária (o abastecimento de água só chega duas vezes por semana e não há lugar para guardá-la, nenhum cuidado com a saúde, nenhum refrigerador para armazenar alimentos. Cada dia é preciso encontrar algo para se alimentar e isto provoca muita violência. O Serviço social de vez enquanto oferece ajuda a essas famílias, mas isto não dura muito.

Partilha das experiências

A situação social é muito complexa e as famílias desestruturadas. As mulheres estão desempregadas, algumas fazem pequenos trabalhos para evitar problemas com a lei. As crianças que são numerosas, são deixadas à sua sorte. Isto tem consequências psicológicas e físicas: quando crescem, vivem de forma desrespeitosa, excluem-se mutuamente, a lei dos mais fortes e a violência reinam. E este modo de vida é reproduzido de uma geração para a seguinte. Parece não haver neste momento sinais de uma solução para esta tragédia.

Durante a pandemia, nós, Filhas da Caridade de Madruga, tentamos com a ajuda de colaboradores vicentinos, oferecer-lhes algum alívio e um pouco de fraternidade. Sabemos que toda pessoa, não importa quão desfigurada, quer ter uma vida digna e precisa não apenas de alimentação e higiene, mas também de hospitalidade, fraternidade e educação.

Em Comunidade, discernimos como promover estas famílias tão carentes, para ajudá-las a ter uma vida mais digna. Buscamos juntas as soluções para responder a esta situação precária: querer fazer sempre mais, trabalhar em rede, eis alguns meios que nos ajudam a perseverar nesta difícil missão de semear sem saber se os frutos virão.

Pedimos a Deus a capacidade de encontrar meios para ajudar nossos irmãos em dificuldades como nos lembra o Papa Francisco: *“aquela (abençoada) pertença comum a que não nos podemos subtrair: a pertença como irmãos”*. (Bênção “Urbi et Orbi”, Adro da Basílica de São Pedro, 27 de março de 2020).

Irmãs da Comunidade São Vicente

Madruga, Cuba

Província España Sur (Marrocos) São Charles de Foucauld

“Se pude fazer o bem, se pude me estabelecer no Saara, é porque, depois de Jesus, fui oficial e viajei para o Marrocos. Deus prepara as coisas de longe e faz com que o bem, o mal e os atos feitos com o menor pensamento Nele sirvam para a salvação das almas” (Carta a Louis Massignon, 03 de dezembro de 1911).

Atualidades
da
Província

Há pouco mais de um ano, quando foi aprovada a canonização do Beato Charles de Foucauld, foi formada uma equipe com membros das Dioceses de Rabat e Tânger (Marrocos) com o objetivo de torná-lo conhecido através de várias atividades: orações nas paróquias e comunidades religiosas, criar meios de comunicação online sobre sua vida, facilitar o acesso a alguns de seus escritos, propor retiros, preparar celebrações de ação de graças após a canonização ou outros momentos festivos. Como membro desta equipe, recebi o inesperado presente de participar da canonização em 15 de maio de 2022, juntamente com os outros membros da equipe e os agentes pastorais das duas dioceses. A esta graça não merecida, espero que Deus me ajude a permanecer fiel.

Este novo Santo é conhecido por muitos de nós. Todos nós cantamos ou rezamos com devoção a oração de abandono, em algum momento de nossas vidas. Aprendemos isso no Seminário, a versão cantada, mas por muitos anos eu não sabia muito sobre Charles de Foucauld. Nos últimos

Testemunho das irmãs

anos, ele se tornou mais familiar para mim graças a várias pessoas que vivem a sua espiritualidade.

Por que ele tem atraído pessoas tão diferentes por tanto tempo? O que sabemos sobre ele? Ouso dizer que é principalmente sua vida no deserto e a oração de abandono. O que me parece mais espantoso é o desejo que ele teve de reunir discípulos ou comunidades durante sua vida e que não foi possível realizar, enquanto que após sua morte, comunidades nasceram em diferentes lugares e formas, para aprofundar sua espiritualidade e escolher, como ele, a espiritualidade nazarena nos países do Magrebe, onde quer que estejam localizados. A espiritualidade de Nazaré significa configurar-se a Cristo numa vida de trabalho, relacionamentos e encontros comuns e reconhecer a presença de Deus na vida diária...

Se não conhecemos Charles de Foucauld muito bem, pode-se imaginar uma pessoa inteiramente entregue à oração, vivendo em solidão e, de vez em quando, em contato com alguns poucos habitantes do deserto. No entanto, como é impressionante ver o ardor de sua atividade cotidiana. Em suas muitas cartas para sua família e amigos, lemos que muitas vezes ele precisou parar de rezar, estudar e aprender a língua tuaregue a fim de acolher as pessoas que iam até ele. Ele dedicava-lhes tempo, escutava-os, oferecia-lhes comida e descanso. Ele sempre escolheu esta atitude porque queria ser “o irmão universal”. Em 1911, escreveu a seu primo, Raymond de Blic: “*Se eu fechasse a porta hoje para trabalhar em paz, talvez amanhã ninguém viesse*”. E em 1916, alguns anos antes de sua morte, ele escreveu a sua irmã, Maria de Foucauld: “*Meu dia é passado indo e voltando da capela ou da minha mesa para a porta. Faz-se apenas um pouco de bem estando disponível em todas as horas do dia e da noite*”.

Para poder fazer tais declarações, é preciso ter percorrido um longo caminho. Após o desencaminhamento de sua adolescência e juventude, ele decidiu aos 23 anos de idade explorar o Marrocos; concentrando todas as suas energias e a qualidade de seu trabalho rendeu-lhe a medalha de ouro da Sociedade Francesa de Geografia. Esta experiência no Marrocos o tocou profundamente e foi, como ele mesmo disse, a aurora de seu retorno à fé. Depois de conhecer muitas pessoas inteligentes e muitos cristãos, ele decidiu encontrar-se com um padre com o desejo de redescobrir sua fé. O Padre Huvelin pediu-lhe que fosse se confessar e comungar. Foi um encontro muito profundo com Jesus e ele entendeu que só podia viver para Ele. Ele queria imitar a vida oculta de Jesus em Nazaré. Ele continuou a aprofundar sua vocação. Ele se tornou um monge na La Trappe e lá permaneceu por sete

anos, mas sua busca pela pobreza radical o levou a deixar La Trappe e ir para a Terra Santa. Ele se uniu às Clarissas de Nazaré e Jerusalém para viver em silêncio e solidão. Após quatro anos, ele foi ordenado Sacerdote. Ansioso para alcançar aqueles que ainda não conheciam o Evangelho, ele decidiu se estabelecer como eremita no Saara argelino. A fim de conhecer melhor os tuaregues, ele estudou sua língua e cultura e tornou-se amigo deles através de sua bondade, sua assistência pastoral aos soldados feridos, aos doentes e, através de cartas que escreveu para suas famílias. Totalmente disponível à vontade de Deus, que ele descobriu através dos acontecimentos, sempre se deixou guiar pelo amor de Cristo e a graça divina provocou uma profunda transformação de sua pessoa dia após dia.

Antes de ser enviada em missão ao Marrocos, quase nunca tinha tido contato com os escritos de Charles de Foucauld. Mas, no dia em que descobriu que foi o Evangelho de Mateus 25 que mais o tocou e o levou às mãos de Deus para alcançar os mais pobres, eu fiquei realmente feliz. Da mesma forma que aconteceu com os nossos Fundadores, este texto evangélico foi o leitmotiv (o motivo condutor) de sua vida. Após ouvir o chamado do Senhor, ele encarnou esta página do Evangelho no meio dos muçulmanos, com o povo tuaregue. Ele queria viver como irmão de todos: *“Eu quero que todos os habitantes, cristãos, muçulmanos, judeus... olhem para mim como seu irmão, o irmão universal... e comecem a chamar minha casa de 'fraternidade'! Como isso é doce para mim!”* (carta a sua prima Marie de Bondy em 1902, pouco depois de sua instalação na Argélia).

Alguns meses antes de sua morte, ele escreveu a René Bazin: *“Devemos nos fazer aceitar pelos muçulmanos, tornar-nos para eles o amigo confiável a quem vamos quando estamos em dúvida ou em dor, em cujo afeto, sabedoria e justiça confiamos absolutamente. Somente quando tivermos conseguido isto, poderemos fazer o bem a suas almas. Inspirar confiança absoluta em nossa veracidade, na retidão de nosso caráter... dar uma leitmotiv de nossa religião por nossa bondade e nossas virtudes, estar em relação fraterna com o maior número possível de almas, muçulmanas ou cristãs, nativas ou francesas, este é nosso primeiro dever: somente depois de tê-lo cumprido bem, por um tempo suficiente, podemos fazer o bem. Minha vida, portanto, consiste em estar o máximo possível em contato com os que me rodeiam e em prestar todos os serviços que posso”*.

Na sua morte, o chefe tuaregue Moussa Ag Amastane, seu grande amigo, escreveu à sua irmã Maria: *“Assim que soube da morte de nosso amigo, seu irmão Charles, meus olhos fecharam-se... chorei e derramei muitas*

Testemunho das irmãs

lágrimas, e estou de luto... Charles, o marabu, não morreu só por si, ele morreu por todos nós. Que Deus lhe dê misericórdia, e que nós o encontremos no paraíso!” Estas palavras provam que o diálogo inter-religioso é possível graças à amizade, à escuta mútua entre pessoas de diferentes religiões na vida cotidiana, as atitudes de acolhida e de encontro... Hoje, em todos os lugares onde encontramos pessoas diferentes de nós, aprendamos a construir a fraternidade universal.

Em Roma, assistimos as conferências e palestras sobre a vida de Charles de Foucauld e sua espiritualidade. Também, no domingo 15 de maio de 2022, nossa participação na Eucaristia das canonizações foi um momento muito emocionante, um verdadeiro tempo de graça.

Agora, a fim de tornar Charles de Foucauld mais conhecido dos Marroquinos, estamos preparando encontros, peregrinações e também celebrações de ação de graças nas diferentes paróquias das duas Dioceses. Estes são momentos alegres e enriquecedores que enchem nossos corações de grande gratidão para com este novo santo. Que ele seja uma verdadeira inspiração para nossa jornada vocacional.

Irmã Inma MARTI

Filha da Caridade

Província Colônia Países-Baixos

A mística do viver juntas num Lar para pessoas idosas

“Quando se sonha sozinho é apenas sonho. Quando sonhamos juntos é apenas o começo da realidade” (D. Helder Câmara).

Há alguns dias, eu não conseguia adormecer à noite. Meus pensamentos sobre nosso futuro me roubaram o sono. Pensei na vida comunitária e me perguntei se ela estava realmente imbuída do amor do Senhor e da liberdade interior que Ele nos prometeu, ou seja, uma liberdade que se esforça para se comprometer com os pobres com serenidade e viver na presença de Deus e sonhar com Ele. Minha reflexão sobre a mística do “viver juntas” me levou a fazer várias perguntas:

- Em nossas Comunidades e obras, trabalhamos concreta, efetiva e diretamente em favor da fraternidade?
- Praticamos humildemente nossa caridade fraterna para com as pessoas mais feridas da vida?
- Nosso amor e caridade brilham como um raio de luz durante a noite?
- Em nossa Comunidade, que está ficando menor e mais idosa, ainda temos energia suficiente para viver qualidades de relacionamento em nossa vida comum?
- Vivemos o diálogo, a confiança, o respeito e a reconciliação?

Pela manhã algumas respostas vieram a minha mente.

“Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos duma comunidade que nos apoie, que nos

Testemunho das irmãs

auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”⁶³.

A mística é muitas vezes comparada a uma certa retirada do mundo, uma retirada para dentro de si mesmo, uma piedade e uma interioridade particular. Entretanto, os místicos de todos os tempos têm uma visão muito clara do mundo como ele é, mas de uma perspectiva diferente da nossa, à luz do amor de Deus. Sua fé viva em Deus os levou a se comprometerem com o amor, a solidariedade, a liberdade e a lutar contra a injustiça, a violência, a pobreza, o sofrimento e tudo o que destrói o nosso planeta. A fé cristã toca nossa existência em profundidade, mas também a convivência social no mundo e nossa responsabilidade para com ela. “*Não vos conformeis com o mundo presente*” (cf. Rm 12, 2), esta é nossa missão. “*Qual é a verdadeira raiz de nosso cristianismo? Não somos muito submissos a “este mundo”? Ainda temos realmente o “desejo de ser salvos” em relação a este mundo burguês? Ainda conservamos algo do que o Evangelho chama de “alma” e “vida” diante do nosso mundo de ter e de possuir?*”⁶⁴

Várias situações me vieram à mente pelo que temos feito nos últimos meses durante o período da pandemia. No início, os moradores de nosso Lar de Idosos não podiam receber visitas e isto durante semanas. Esta situação era particularmente estressante para os nossos colaboradores. Mas com seu excepcional compromisso e simpatia, eles combateram a solidão e a desolação com belos sinais de esperança.

Durante as celebrações de Natal e Ano Novo, muitos funcionários e Irmãs foram afetados pelo covid-19 e as celebrações foram realizadas em um total confinamento, em terrível isolamento. “O Natal não aconteceu este ano”, disse uma Irmã com tristeza. No entanto, durante esses dias festivos, houve muitos “sinais de Encarnação”: contato telefônico com os doentes, a união com eles na oração e na liturgia, aceitar horas extras de serviço para substituir funcionários doentes, suportar a tristeza, o abandono, o desespero e aceitar ser “incomodado” pelo sofrimento de outros.

⁶³ Papa Francisco, *Fratelli tutti*, 8.

⁶⁴ J.B.Metz, *Mystique des yeux ouverts*, Fribourg 2011, p. 206 [Mística de olhos abertos]

Vi a realidade das Irmãs que vivem em “pequenas Comunidades” em Lares de idosos; elas também precisavam da ajuda dos leigos e elas mesmas tiveram que encontrar uma maneira de viver bem juntas em sua “pequena Comunidade”, apesar da idade, fragilidade, distúrbios mentais, diferenças de caráter e até mesmo de piedade. Estas Irmãs que desejam ser canais de comunicação para outros, são realmente pessoas de contato para os idosos, funcionários, visitantes, membros da família, outras Irmãs. Eles sabem ouvir, consolar, compartilhar, trazer sua experiência de vida, sua fé, seu humor, sua sabedoria. E tudo isso em um ambiente onde as pessoas têm pouca ou nenhuma formação religiosa ou não creem. É por isso que se trata de aceitar outros valores, outras interpretações, outras estruturas temporais e outros contextos culturais.

As Irmãs vivem “diferentemente” dos outros: fazem votos, renunciam muitas coisas, vivem em Comunidade, encontram-se várias vezes ao dia para rezar em comum, observam os momentos pessoais de silêncio e meditação. Estas interrupções na vida diária são uma parte central das suas vidas cotidianas. Suas interpretações da realidade é moldada por suas orientações para Deus. Dedicam tempo e espaço para não ficarem na superfície das coisas.

“Temos de reconhecer que quanto menor for a amplitude da mente e do coração duma pessoa, tanto menos poderá interpretar a realidade circundante em que está imersa. Sem o relacionamento e o confronto com quem é diferente, torna-se difícil ter um conhecimento claro e completo de si mesmo e da sua terra, uma vez que as outras culturas não constituem inimigos de quem seja preciso defender-se, mas reflexos distintos da riqueza inexaurível da vida humana. Ao olhar para si mesmo do ponto de vista do outro, de quem é diferente, cada um pode reconhecer melhor as peculiaridades da sua própria pessoa e cultura. Esta abordagem exige, em última análise, que se aceite com alegria que nenhum povo, nenhuma cultura, nenhum indivíduo pode obter tudo de si mesmo. Os outros são, constitutivamente, necessários para a construção duma vida plena. Com efeito, “o homem é o ser fronteiriço que não tem qualquer fronteira”⁶⁵. Sim, continuarei vivendo o sonho que Deus tem para mim na medida em que estou atenta ao Seu chamado, procurarei responder generosamente.

Claudia VONIER
Coordenadora

⁶⁵ Papa Francisco, *Fratelli Tutti*, 147, 150.

A

75º aniversário da canonização de Catarina Labouré

“27 de julho de 1947 - 27 de julho de 2022”

História
da
Companhia

INTRODUÇÃO

A celebração do 75º aniversário da canonização de Catarina Labouré oferece-nos uma oportunidade de revisitar a sua vida fecunda, bem como o contexto histórico, político e eclesial em que Catarina e a Comunidade em Reuilly viveram. É também uma ocasião de se surpreender com os detalhes que moldaram a seu percurso.

Sabemos que no dia seguinte à morte de sua mãe, Catarina, quando criança, entregou-se à Virgem Maria, com muita ternura e confiança, ela a adotou como sua “Mãe”. Mas, não poderíamos também pensar que uma profunda relação espiritual foi tecida entre Catarina e Vicente de Paulo, de acordo com o seu sonho na igreja de Fain, ao ponto que ele se tornou seu “Pai” espiritual? Estes misteriosos intercâmbios entre Vicente e Catarina não estão na origem das visitas da Santíssima Virgem? Durante o misterioso sonho na igreja de Fain, o Padre Vicente diz a Catarina que Deus tem planos para ela. Vicente de Paulo parece ter sido escolhido por Deus

para prepará-la para sua futura missão. Sabemos também que na véspera da festa de São Vicente, celebrada no dia 19 de julho, Catarina pediu ao Fundador a graça de deixá-la ver a Santíssima Virgem que ela tanto desejava encontrar. Catarina não estava procurando aparições no sentido direto da palavra, ela simplesmente queria conhecer a Virgem, queria ver sua Mãe, isto era diferente para ela: *“Eu tinha visto nosso Fundador, tinha visto Nosso Senhor e não tinha visto minha Mãe”*. E aqui ela se deixa levar por um novo desejo, o de ver a sua Mãe: *“Adormeci no pensamento de que São Vicente obteria para mim a graça de ver a Santíssima Virgem”*.

Abramos um parêntese. Concentremo-nos em duas aparições, escolhidas devido ao seu impacto na história da Igreja e no contexto em que ocorreram, já que ambas foram obra de Congregações religiosas. São as aparições de Paray-le-Monial no século XVII e, da Rua du Bac no século XIX. A ligação entre estas duas aparições pode nos ajudar a compreender a riqueza das mensagens deixadas. De fato, foi uma religiosa da Visitação que em 1675 recebeu revelações místicas com a missão de difundir a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, uma devoção tão querida a São Francisco de Sales e Santa Joana de Chantal; foi uma Filha da Caridade que em 1830 recebeu a revelação da Medalha da Imaculada com a missão de difundi-la e rezar a invocação “ó Maria concebida sem pecado”, uma devoção muito querida por Santa Luísa e São Vicente de Paulo. Poderíamos deduzir que o Espírito Santo, de certa forma, já havia inspirado nossos Fundadores com o que Ele iria confirmar mais tarde na Igreja universal através da Medalha. A Imaculada é o caminho real pelo qual Deus vem até nós, mas Maria não é apenas Mãe de Deus, ela também é “Mãe da Igreja” e nos guia infalivelmente para seu Filho e para os homens, seus filhos.

I - UMA DISCRIÇÃO ABSOLUTA

Poderíamos reler a história da vida de Catarina como uma verdadeira história secreta, mas deve ser dito que é uma história mística. De fato, após a difusão da Medalha, quando se disse que ela era o resultado de certas aparições ocorridas em Paris, as pessoas tentaram descobrir quem tinha tido esse privilégio e onde estava a vidente, mas ninguém conseguiu descobrir aquela que, cuidadosamente, se manteve incógnita durante toda a vida. Foi somente quando pressentiu a sua morte que ela se revelou para a sua

Superiora, após ter obtido o consentimento da Virgem, porque a estátua da Virgem com o globo terrestre, solicitada por Maria, ainda não havia sido feita.

Embora estas aparições não foram reconhecidas oficialmente pela Igreja, já que Catarina nunca se revelou, exceto a seu confessor de acordo com o desejo da Virgem Maria. Através da mensagem da Medalha, que proclama que Maria foi concebida sem pecado, a fé e a sensibilidade dos crentes foram iluminadas e a aceitação do dogma foi facilitada. A “Santa Medalha”, como a Igreja a chamou e em pouco tempo foi dado, pelo próprio povo, o nome de “Medalha Milagrosa” devido aos milagres ocorridos graças a confiança reencontrada, às numerosas curas, particularmente durante a epidemia de cólera em 1832, e às conversões, a mais espetacular foi a do jovem banqueiro judeu Alphonse Ratisbonne em 1842.

Esta discrição absoluta de Catarina não é um ponto de referência luminoso para nossas vidas, um chamado a viver humildemente nossa vocação de servas, seguindo o exemplo de Maria, a serva, e de Jesus, o servo?

II - ALGUMAS SURPRESAS

Em 11 de dezembro de 1907, 31 anos após a morte de Catarina, sua causa de beatificação foi apresentada ao Papa Pio X. Um ano antes do início deste processo de beatificação, a Congregação dos Ritos havia ordenado em 1881 a retirada da Virgem com o globo terrestre colocado na Capela da Rua do Bac. Quatro anos depois, em 1885, o Papa Leão XIII mandou restabelecer a Virgem do Globo e a Congregação dos Ritos autorizou a impressão do Ofício da Medalha Milagrosa. Catarina foi beatificada em 28 de maio de 1933 pelo Papa Pio XI. Dois meses antes da beatificação, em 21 de março de 1933, o corpo de Catarina foi exumado de seu caixão em Reuilly. Encontrado em perfeito estado, foi vestido com o hábito de Filha da Caridade e colocado em um relicário na Capela da Medalha Milagrosa. Em 27 de julho de 1947, Catarina foi canonizada pelo Papa Pio XII apesar das tentativas do Secretário geral da Congregação da Missão, Padre Coste, que não acreditava em aparições; ele havia intervindo duas vezes em Roma para dizer que Catarina Labouré era doente mental porque um dia, em Reuilly, durante o verão de 1871, ela havia dito para cavar 1,5 metros no chão para encontrar uma pedra tão plana como uma pedra tumular e algo para construir uma “igreja”. Pensava-se que era um “tesouro escondido”.

Os trabalhadores cavaram várias vezes, mas não encontraram nada! Naquela época, ninguém conseguia entender esta incrível previsão. Foi somente após a morte de Catarina, quando a Superiora, Irmã Dufès, tendo recebido permissão para manter seu corpo em Reuilly contra todos os costumes e regulamentos habituais, procurou em vão um lugar adequado para seu túmulo, que ela pensou ter ouvido estas palavras ressoarem: “*o túmulo está debaixo da capela de Reuilly*”. De fato, havia uma escavação inútil no meio da casa; o arquiteto havia até mesmo querido preenchê-la, mas a Superiora precedente havia recusado, por alguma razão. Este buraco parecia ser uma sepultura. E aí estava o mistério, Irmã Dufès ordenou que ela fosse enterrada precisamente “a 1,50 metros”. A cova foi equipada de acordo com a pedra tumular. Este foi o “tesouro”! A abóbada de Reuilly logo se tornou uma capela, uma peregrinação, onde as pessoas vinham em busca da intercessão de Catarina, enquanto esperavam sua canonização para autorizar a dedicação de 23 Igrejas, Basílicas ou Capelas nas cinco partes do mundo.

Entretanto, para compreender plenamente a santidade de Catarina e as dificuldades encontradas, é importante conhecer a situação econômica, social e religiosa em que ela viveu. A França naquela época era muito turbulenta, abalada, desestabilizada, enfraquecida em todos os níveis.

III - UM CONTEXTO POLITICO E SOCIAL ENFERVECENTE

REVOLUÇÕES E MISÉRIA DE TODOS OS TIPOS

O século XIX foi um século difícil, não muito diferente de nosso século XXI. A França tinha acabado de sair da Revolução de 1789, que tinha sido uma guerra interna durante vários anos, pior do que os ataques atuais. E depois desta grande Revolução de 1789, seguiram-se outras três: uma em 1830, outra em 1848 e a terceira em 1871. Catarina estava familiarizada com todas elas, ela viveu no centro deste período conturbado e incerto, tão difícil para os pobres. Pois, se o ano de 1830 foi abençoado para ela e para a Companhia, foi também o cenário de um verdadeiro caos revolucionário! Foi no centro desta realidade que a Virgem Maria veio ao encontro de Catarina.

Do ponto de vista econômico, o século XIX foi o século da revolução industrial com o desenvolvimento de técnicas e suas invenções prodigiosas: motores a vapor, teares... mas também teve consequências sociais trágicas: as condições de trabalho dos camponeses e dos trabalhadores tornaram-se desumanas, as crianças foram obrigadas a trabalhar em fábricas a partir dos 7 anos... todas essas misérias levaram ao alcoolismo e a todo tipo de criminalidade... O clima social se deteriorou e gerou revoltas em todos os lugares. Esta degradação levou inexoravelmente a uma situação desastrosa: de um lado, os ricos e, do outro, os pobres, dois mundos completamente estranhos. Os pobres não tinham mais nada, sofriam de frio e fome, de velhice ou doença, viviam em quartos imundos, onde tudo estava faltando. É difícil imaginar um proletariado tão miserável nos dias de hoje. Então uma guerra civil eclodiu em 27, 28, 29 de julho de 1830. Esta revolução, chamada “Os Três Gloriosos”, foi breve, mas particularmente sangrenta e extremamente anti-religiosa. Foi uma completa convulsão: em 2 de agosto de 1830, o rei Carlos X teve que abdicar.

Do ponto de vista político, a chamada monarquia “conservadora” foi substituída por outra monarquia, porém constitucional, diferente da anterior, marcada pela renúncia à monarquia absoluta de direito divino e por um regime muito hostil à Igreja. Luiz Felipe I, Duque de Orleans, concordou em assumir a manutenção do Reino. Um ano depois, a epidemia de cólera eclodiu. Foi um período de escassez de alimentos e crise financeira, a miséria aumentou e a indignação contra a pobreza tornou-se uma luta de classes. Os estudantes revolucionários recrutaram amotinados dos trabalhadores do distrito de Faubourg-Saint-Antoine e do distrito de Reuilly.

Em fevereiro **de 1848**, ocorreu a 3ª revolução francesa, seguida de motins até junho. Nesta guerra civil, mais de 5.000 parisienses foram mortos. No distrito de Reuilly, a vida tornou-se uma sucessão desordenada de manifestações, revoltas e tumultos populares. Em junho, cerca de trinta barricadas foram erguidas; na rua de Reuilly, uma batalha deixou 42 mortos e muitos feridos. O último rei, Luiz Felipe de Orleans, teve que abdicar, o que levou ao exílio da família Orléans e teve um impacto negativo na vida do hospital de Enghien, fundado em 1829 pela Duquesa de Bourbon e financiado pela família Orléans.

IV - O HOSPÍCIO DE ENGHIEEN E A MAISON DE REUILLY, QUE FUTURO?

No hospício, as Irmãs cuidavam dos antigos criados da família real, manobristas e guardas particulares, juntamente com os indigentes que tinham alta dos hospitais. O hospital foi subitamente “muito reduzido em recursos”! A Irmã Montcellet tinha acabado de ser nomeada Superiora do hospício e sofria ao ver a miséria material e moral em que se encontravam os habitantes de Reuilly. Ela não queria mais se limitar apenas ao hospício, mas queria que as Irmãs se envolvessem em obras de caridade a serviço dessa pobre população. Apesar da falta de fundos, ela pediu dinheiro emprestado e mandou construir o que ela chamou de “La Providence-Sainte-Marie” (Providência Santa Maria) no outro lado do enorme jardim do hospício, que dava para a rua de Reuilly (nº 77). No ano seguinte, os edifícios para a escola primária e o trabalho dos jovens foram inaugurados e as Irmãs começaram a ensinar às meninas. A Irmã Montcellet mandou construir outro prédio para órfãos da cólera, um dispensário, um centro de ajuda e um escritório de caridade para fornecer alimentos, madeira e abrigo para os mais necessitados. Aos domingos, meninas da vizinhança iam aprender a ler, escrever e também para a catequese.

Em 1860, a nova Superiora, Irmã Dufès, acolheu aproximadamente vinte meninos para ensiná-los a ler e a escrever. Ela os instalou na sala de espera da Obra “Providence-Sainte-Marie”. Porém, a cada dia chegavam mais e foi decidido acomodá-los em três ou quatro grandes quartos no hospício de Enghien. Mas os idosos no hospício não apreciaram os gritos e os jogos dessas crianças.

Seis anos mais tarde, após a nova epidemia de cólera, um pequeno orfanato para meninos foi instalado no sótão do hospício. Mas todos esses rapazes eram terrivelmente tumultuados e indisciplinados, estes eram os filhos dos insurgentes da revolução de 1848; um dia, eles começaram a fazer barricadas na rua do hospício, que era tão calma na época. Pouco tempo depois, a Fundadora ordenou a retirada de todas as atividades organizadas para esses meninos do hospital, bem como do pequeno orfanato, e disse que “este não é o objetivo da Fundação que ela subsidia”. Ela agora aceita apenas as 7 Irmãs vinculadas ao hospital. As outras 25 Irmãs, ocupadas com as obras no bairro, se mudarão para um outro espaço do jardim, para o prédio na rue de Reuilly, 77, incluindo a Irmã Dufès. Catarina assumiu o papel de diretora do hospício em Enghien, sem o título; para os serviços e exercícios espirituais,

Testemunho das irmãs

as 7 Irmãs do hospício aderiram à Comunidade, agora localizada nos edifícios da “Providence-Sainte-Marie”, rue de Reuilly. Era preciso encontrar uma solução para os jovens meninos e órfãos que estavam alojados no hospital.

Graças aos benfeitores, a Irmã Dufès teve salas de aula e um parque infantil construído em um terreno na rua de Reuilly, 79. Muito em breve, mais de 300 crianças e adolescentes participaram das aulas noturnas. Aos domingos, são organizadas atividades recreativas para as crianças mais desfavorecidas, assim como uma sala de convivência, para se divertir e aprender sobre o espírito de cooperação. Todos os dias, quando Catarina cruza o jardim que separa o hospício da Comunidade, a uma distância aproximada de 500 metros, se depara com as pobres crianças e os pequenos trabalhadores que ela ama e que espontaneamente vêm até ela para se aconchegar em seus braços. Catarina tem aquela graça extraordinária de avó com um grande coração e uma graça especial de comunhão entre as gerações, seja com as crianças do bairro ou com seus sobrinhos e sobrinhas, mas também com as postulantes e as jovens Irmãs. Este contato com os jovens parece ser um dos traços do carisma de Catarina. Mas uma nova tragédia está se preparando.

A GUERRA CONTRA A PRÚSSIA

Em 19 de julho de 1870, Napoleão III, Presidente da República desde 1848, procurou restaurar o poder francês na Europa. Com uma espécie de inconsciência do perigo em que estava colocando os franceses, ele declarou guerra à Prússia. Os franceses estavam entusiasmados com a ideia de uma vitória futura, incluindo as Irmãs da Comunidade. Catarina não estava entusiasmada, ela sabia que a guerra traria seu peso de lágrimas e sangue. Ela só pensa no sofrimento que será causado: “Pobres soldados”, dizia ela. A coincidência desta data, o 40º aniversário da primeira aparição, faz lembrar-lhe da tristeza no rosto de Maria quando ela falou dos tempos ruins que virão. Catarina abomina as guerras e revoluções, não por apego a qualquer regime político ou mesmo à ordem social, mas por amor à Igreja e aos pobres, que acabam sempre pagando até mesmo pela desordem a que são incitados para serem libertados. Catarina nunca interfere em suas preferências políticas (tanto quanto se pode adivinhar) com sua ação caritativa. É difícil servir ao próximo em todas as coisas, inclusive em assuntos sociais e cívicos, sem fugir do Evangelho.

A guerra tornou-se intensa. O hospital Val-de-Grâce pediu às Irmãs de Reuilly para abrigar 200 feridos. As Irmãs tiveram que se “apertar” para dar espaço, precisaram se reorganizar, algumas foram alojadas nas

salas de aula “Reuilly” e no Asilo para órfãos, que havia sido transformado em enfermarias, as outras foram colocadas no hospício onde Catarina iria atuar como enfermeira. A prefeitura pediu às Irmãs que se encarregassem da distribuição das refeições aos feridos. Catarina assumiu o “fogão” para garantir a alimentação dos idosos e feridos nas duas enfermarias. São 1.200 refeições por dia. O racionamento dificultou esta tarefa, mas as Irmãs foram engenhosas em fornecer “extras”. Apesar de seu trabalho exaustivo, elas estão satisfeitas com um pedaço de pão preto e só conseguem sobreviver por um milagre de vontade, uma devoção apaixonada pelos outros, um esquecimento de si mesma ilimitado. Para piorar a situação, faz muito frio neste inverno. O termômetro, abaixo de zero, continuava a baixar. Paris está faminta, fria e esmagada sob as ruínas. As notícias da guerra são péssimas.

Em 18 de janeiro de 1871, dois generais prepararam secretamente um ataque contra os prussianos, mobilizando todas as forças possíveis. Eles vêm buscar os homens “capazes” que estão na enfermaria Reuilly, alguns deles ainda não recuperados: “pobres cordeiros”, dizia Catarina, “eles são levados ao matadouro”. O ataque falha. Os prussianos entram em Paris. Em 28 de janeiro, um armistício é concluído com o chanceler alemão Bismarck e Napoleão III se torna prisioneiro; é um desastre nacional. Acreditava-se que o fim da guerra marcaria o retorno à calma, a uma vida normal. Não demorou muito para que ficassem desesperançados. eclodiu uma guerra civil, o que alarmou as Irmãs, e renasceu o anticlericalismo.

A COMUNA DE PARIS (MARÇO-MAIO DE 1871)

A 18 de Março de 1871, a grande revolta popular da Comuna de Paris começou e prolongou-se por mais de dois meses. Era o início de um período de anarquia com grande violência e massacres. Numa semana, quase 20.000 parisienses foram fuzilados nas esquinas das ruas. Os revolucionários, conhecidos como comunas, eram terrivelmente hostis a tudo o que lhes recordava a antiga sociedade, e sonhavam que este movimento de resistência popular e anárquico permitiria ao Partido Comunista tomar o poder. Havia portanto um anticlericalismo radical do qual os padres e religiosos eram os que mais sofriam. Como o hospício em Enghien pertencia à família Orleans, as Irmãs viram retornar o espectro da Revolução, que tinha atravessado o século XIX. Porém, Catarina, imperturbável, manteve a sua calma exterior, apesar dos reflexos dos federados e dos insultos das crianças agitadas contra as Irmãs que foram incentivadas pelas suas próprias mães: “*Não tenhais medo*”, disse ela, “*é preciso rezar para que Deus diminua os dias maus*”.

Testemunho das irmãs

Em 2 de abril, o governo, que havia se refugiado em Versailles, ordenou o bombardeio do insurgente Paris. Neste contexto, os Comunas tomam precauções contra os Versaillais (o nome dado pelos Comunas às tropas que obedecem ao governo) e, em poucos dias, prendem mais de 200 eclesiásticos, para não falar dos civis, notáveis, oficiais...

No dia 7 de abril, dois soldados da enfermaria de Reuilly foram denunciar aos Comunas a presença de dois gendarmes de Versailles doentes entre os feridos. Os insurgentes vieram imediatamente à enfermaria para levá-los e atirar neles, mas a Irmã Dufès se recusou a entregá-los e os fez escapar. Loucos de raiva, os Comunas quiseram levar a Superiora. Catarina, o membro mais antigo da Comunidade, intervém: *“Se você levar a Irmã Dufès, terá que levar todas nós”*. *“Por que não?”* pensaram os Comunas! Mas as Irmãs cuidam do hospício, da enfermaria, da escola, do dispensário, das cozinhas, elas também trazem ajuda para a vizinhança, de modo que sua prisão não seria muito popular. Os Comunas partiram mas, logo depois, foi emitido um mandado de prisão à Irmã Dufès, acusando-a, entre outras coisas, de estar a serviço da Casa de Orleans. Advertida em segredo, a Superiora decidiu partir para Versailles e depois para Toulouse.

Catarina previu a violência que ocorreria quando viessem à procura da Irmã Dufès e não a encontrassem. Foi então que ela teve uma ideia ousada, mas muito inteligente. A melhor defesa é ir para a sede dos Comunas em Reuilly. Ela defenderá a causa de sua Superiora para desarmar a raiva dos revolucionários. Catarina vai em frente: os Comunas ficam espantados de vê-la em sua sede. Lá estava diante do comitê revolucionário, composto aproximadamente por sessenta homens de cinto vermelho que gritavam, gritavam e batiam na mesa. Catarina conhece alguns deles, mas já conheceu muitos outros. Eles não a impressionam. Ela os deixa gritar. Depois de satisfeitos, ela olha para eles, sorri e diz com a calma de sua bondade interior: *“Vocês vão me permitir explicar?”* Ela se explica corajosamente em poucas palavras. Alguns deles começam a gritar novamente e a cercar violentamente para agarrá-la. Porém, imediatamente, um de seus colegas, um soldado, que tinha sido tratado por Catarina, levanta-se, empurra-os, liberta Catarina e arrasta-a em direção à saída, tirando-a desses loucos. Finalmente, Catarina deixou a prefeitura livremente. Nessa mesma noite, os Guardas Nacionais que haviam ocupado a casa em Reuilly se distanciaram.

Durante a ausência da Irmã Dufès, Catarina a substituiu, mas a situação em Reuilly era mais incerta do que nunca, especialmente à medida que a pressão dos Versaillais aumentava e os combates se aproximavam. A

Comunidade de Reully está sob constante vigilância e, com o passar dos dias, algumas das Irmãs conseguem sair da casa que está muito exposta e refugiar-se nos subúrbios ou com suas famílias. A Comunidade tinha apenas 14 Irmãs para fornecer os serviços necessários. Durante a última semana de abril, as Irmãs enfrentaram todos os tipos de perigos.

Em 22 de abril, duas mulheres da Comuna se apresentaram à Comunidade e declararam que doravante ensinariam a classe em vez das Irmãs professoras. A Igreja deve ser isolada do povo e a educação das crianças da classe trabalhadora deve ser tirada das Irmãs; não é mais apropriado iludir as crianças com a religião. Mas estas duas mulheres são rudes, brutas e maldosas com as crianças. Uma delas, a “Valentina”, é escandalosa em seus maus modos e é particularmente monstruosa com Catarina, não suporta que ela não se defenda diante da sua crueldade. Mas em Catarina, o perdão das ofensas é um reflexo. Parece, no entanto, que as duas professoras estão ultrapassando os limites, pois provocam reações indignadas até mesmo da parte de seus apoiadores.

Em 24 de abril, alguns Comunas voltam à Comunidade, afirmam estar revistando a casa, à procura de um padre que está escondido lá. Não havia ninguém. Por quanto tempo mais as Irmãs escaparão de uma catástrofe? É impossível dizer. A atmosfera é explosiva. No dia seguinte, outros Comunas, desta vez armados, invadiram o hospital em Enghien. Eles empurraram as Irmãs presentes, apontaram pistolas para elas e gritaram que tinham vindo buscar a Irmã Catarina. Não foi uma prisão, mas uma convocação do prefeito. Catarina foi levada perante o tribunal revolucionário como testemunha de acusação da cidadã “Valentina”, a exaltada professora. A Comuna estava farta dos abusos desta mulher e queria que ela fosse condenada. E surpresa! Catarina foi surpreendentemente complacente, atuou como testemunha de defesa e a liberou. Com Catarina, a vingança não existe, ela não olha as feridas ou as traições, ela olha para Deus que se reconcilia. Aqui estão os Comunas, obrigados a liberar “Valentina”, e que são incapazes de saber de que lado estão as Irmãs. Mas, durante três dias, tudo parece um pouco mais calmo; porém, a ameaça de Versailles aumenta e a situação da Comuna se torna cada vez mais precária...

Em 28 de abril, as buscas e ameaças começam novamente, mais violentas. As Irmãs foram acusadas de terem roubado os bens do povo. Trata-se de objetos de culto que estavam na capela. Catarina se explica, dizendo que elas tinham simplesmente protegido objetos pertencentes à Comunidade porque temiam que fossem roubadas. À tarde, o tom aumenta! Os insurgentes

A breve vida da Irmã Lindalva

voltam a aparecer e fazem novas acusações contra as Irmãs por matarem três mulheres da vizinhança. Catarina é novamente convocada para ser interrogada. Em frente ao tribunal revolucionário, ela permaneceu imperturbável apesar das ameaças de morte; ela explicou que certamente houve um erro e se retira com calma.

Entretanto, algumas horas após sua partida, os Comunas lamentaram tê-la deixado ir; com raiva, invadiram a casa em Reuilly onde as 14 Irmãs habitavam e as ameaçaram de morte. As Irmãs se refugiaram no primeiro andar. Através do assoalho, eles ouviram os gritos e avisos. Os ocupantes decidem ficar quietos mas, à noite, descobrem na adega as garrafas de vinho destinadas à enfermaria e começam a beber; bêbados, adormecem e seu líder Siron, um ex galeriano, fica do outro lado da porta. O pior é evitado. À meia-noite, não ouvindo mais barulho, as Irmãs abrem a porta e saem, bem devagar. Elas foram para outra parte da casa e se prepararam para partir. Custa muito a Catarina deixar seus idosos. De agora em diante, serão os Comunas que se encarregarão deles.

30 DE ABRIL DE 1871, AS IRMÃS SE DISPERSAM DE ACORDO COM AS SUAS AFINIDADES FAMILIARES OU COMUNITÁRIAS

Catarina tranquiliza as Irmãs preocupadas e lhes assegura que a Comunidade retornará a Reuilly antes do final de maio, uma previsão que parecia uma loucura na época. Catarina, com Irmã Tranchemer, foi para Saint-Denis onde se encontrava a Irmã Randier, depois para Ballainvilliers junto a Irmã Mettavent onde havia um orfanato, uma creche, uma farmácia e onde as mulheres idosas de Reuilly tinham sido acolhidas por várias semanas. Catarina escreveu à Irmã Dufès para dar-lhe notícia e simplesmente anunciou que toda a Comunidade estaria em Reuilly para o encerramento do mês de Maria. Entretanto, a violência só piorou, e a última semana de maio foi particularmente sangrenta: quase 20.000 Comunas foram baleados, 40.000 se tornaram prisioneiros, incluindo mais de 1.000 mulheres e 600 crianças. A maioria deles foi prometida ao pelotão de fuzilamento ou prisão perpétua. Os Versailles aumentaram o número de execuções e forçaram a retirada das forças rebeldes; para se vingarem, os Comunas foram para a prisão e mataram todos os padres e o Arcebispo de Paris, Dom Darboy. Em 26 de maio, na rua de Reuilly, os amotinados foram fuzilados no local. No dia seguinte, o centro de Paris foi incendiado. O que será da Casa Mãe? Catarina estava imperturbável: *“Não temais por nossas casas, a Santíssima Virgem as guarda. Eles não lhes tocarão”*.

RETORNO DAS IRMÃS A REUILLY

A Comuna terminou em 28 de maio de 1871 e as Irmãs retornaram à Comunidade de Reuilly em 31 de maio. Assim, a previsão de Catarina se tornou realidade! O hospício de Enghien estava em desordem, mas os danos foram insignificantes e ela estava feliz de estar de volta com seus idosos, começou a restaurar o que havia sido danificado. Em meio a essas preocupações materiais, ela não esqueceu a missão que lhe havia sido confiada pela Imaculada Conceição.

Três meses depois, a Terceira República foi proclamada e dois anos depois, o Marechal de Mac Mahon foi eleito Presidente da República. Sua esposa, a Maréchale de Mac Mahon, uma duquesa de nascimento, uma mulher muito distinta sempre vestida da última moda, conheceu as Irmãs de Reuilly; ela rapidamente percebeu em Catarina uma grandeza de alma que a tocou e ela rapidamente se tornou sua amiga, ela até se considerava sua discípula.

É interessante ver que Catarina, esta simples camponesa, se relaciona tão facilmente com as pessoas da nobreza quanto com os pobres, os Comunas, os funcionários, como Cécile, a pequena lavadeira que, tendo permanecido sob as ordens de Catarina por 20 anos, manteve dela boas lembranças. Com sua grande simplicidade e sua incomparável caridade, estava sempre a serviço da Comunhão. Este é o estilo de Catarina. Ela sabe se interessar por todos diante das dificuldades vivenciadas pelas famílias pobres do bairro e a duquesa oferecerá sempre generosamente sua ajuda.

V - UMA FRANÇA MUITO DIVIDIDA NO PLANO RELIGIOSO

O SÉCULO XVIII: “SÉCULO DO ILUMINISMO” (1715 A 1789)

O Iluminismo era um movimento filosófico burguês. Filósofos e intelectuais partilhavam ideias para contribuir para o progresso da ciência e para se opor ao obscurantismo causado pela realeza e pela Igreja Católica. Todas as ideias apresentadas pelos filósofos do Iluminismo estiveram na origem da Revolução Francesa de 1789. Dois anos mais tarde, o governo revolucionário aprovou a Constituição Civil do Clero, exigindo que cada sacerdote fizesse um juramento de lealdade à Nação. Os bispos e

A breve vida da Irmã Lindalva

padres foram eleitos pela Nação. O clero foi dividido, alguns aceitaram, outros recusaram. Então, todas as congregações religiosas foram abolidas e as mulheres das antigas congregações também tiveram que fazer um juramento à Nação.

DEUS CUIDA DA COMPANHIA

Em 1800, as Filhas da Caridade, que haviam permanecido fiéis, fizeram o que puderam, mas não era mais a Companhia como São Vicente a havia fundado. Ela tinha apenas uma existência fraca. Numa época em que se parecia impotente para se recuperar, Deus enviou Catarina Labouré como um novo tipo de “Margarida Naseau”! Nascida em 1806, Catarina deveria dar início a uma nova era para a Companhia.

Em 1814, com a Restauração Monárquica, o rei Carlos X permitiu que as paróquias fossem reabertas. Os Padres foram encarregados disso, a instituição da Igreja foi restabelecida, mas sem questionar se a França ainda era cristã. Mas a Restauração monárquica despertou nos círculos burgueses o que é conhecido como o espírito Voltairiano, ou seja, o agnosticismo. Além desta situação de descristianização, houve o desenvolvimento de numerosos movimentos satanistas que operavam no meio intelectual e burguês, e o trabalho precoce e degradante ao qual as crianças em idade catequética eram submetidas.

EM 1830, UM ACONTECIMENTO MARCANTE NA CAPITAL

Apesar desta situação religiosa atormentada, um evento de natureza muito diferente marcará a memória religiosa: a transladação das relíquias de São Vicente de Paulo, que ocorreu três meses antes da revolução sangrenta dos “Três Gloriosos”, no final de julho.

Antes da Revolução Francesa de 1789, os restos mortais de Vicente de Paulo foram guardados em um santuário de prata na Capela do Priorado de São Lázaro. Quando a Revolução eclodiu, os líderes revolucionários quiseram tomar o santuário. O Ecônomo geral da época conseguiu que os restos mortais de São Vicente fossem removidos e colocados em uma caixa. Em 1792, a caixa foi entregue ao notário, Mestre Clairet, que a manteve até 1800, quando o governo de Napoleão I restabeleceu as Filhas da Caridade, em particular para prestar serviços em hospitais e hospícios. No entanto, como o Estatuto canônico das Filhas da Caridade dizia que elas não tinham uma Superiora geral, mas um Superior geral,

a Irmã Deleau salientou que a Congregação da Missão tinha que ser restabelecida, o que foi feito.

Em 20 de janeiro de 1801, o Governo deu à Companhia uma casa na rua du Vieux Colombier. A Irmã Deleau reúne as Irmãs que retomam o hábito e a corneta. Mestre Clairet lhe deu as relíquias de São Vicente. Em 1815, as Filhas da Caridade se mudaram para uma casa na rua du Bac, 138 (hoje 140), onde os restos mortais de Santa Luísa foram transferidos. Quando a congregação dos Padres da Missão foi restabelecida, eles receberam o Hôtel de Lorges, rua de Sèvres, 95 em compensação ao antigo Priorado de São Lázaro.

Em 25 de abril de 1830, uma grande procissão solene foi organizada para a transladação das relíquias de São Vicente para a nova casa dos Lazaristas, rua de Sèvres. Entretanto, na mentalidade popular, ainda há um profundo respeito por Vicente de Paulo. Se há um coração que resume toda a ternura pelos pobres, sejam eles quem forem, é de fato o do Padre Vicente. É por isso que cerca de 50.000 pessoas puderam ser vistas participando desta procissão religiosa que parte da Catedral de Notre-Dame em Paris. O santuário é cercado pelos Lazaristas e pelos cânones da catedral. Os capelães do rei, o próprio rei, o arcebispo, bispos, seguidos por altos funcionários. Há também a multidão, os pobres, as Filhas da Caridade, uma centena de jovens Irmãs do Seminário, incluindo Catarina, feliz de acompanhar o homem de seu sonho e de sua vocação.

Após a transferência destas relíquias, é durante a semana de 25 de abril a 2 de maio de 1830 que Catarina tem a visão do coração de São Vicente em três fases sucessivas; não é sua relíquia, mas seu coração todo dado aos pobres, aos doentes, aos prisioneiros, às crianças abandonadas... Enquanto ela lhe implora que ele lhe conceda o que lhe pede “com uma fé viva”. O Padre Vicente lhe dá um sinal renovado para se aproximar. Durante este novo encontro espiritual e profundo com São Vicente, Catarina se deixa ensinar pelas três cores diferentes: paz e unidade a serem construídas, caridade a ser acesa nos corações até os confins do mundo, provações a serem superadas com confiança. Catarina não entende totalmente o que vê, mas sente. Foi somente durante a aparição, na noite de 18 de julho, que Nossa Senhora a iluminou sobre o que ela deveria compreender. Ela lhe explica os eventos que irão perturbar a França e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento da família espiritual de São Vicente para o mundo inteiro.

A breve vida da Irmã Lindalva

Assim, todos os eventos que aconteceram em Paris em 1830 revelam uma mistura de clima social pleno e fermentação religiosa. Nesta atmosfera ambígua, três meses depois desta grande procissão religiosa, uma nova revolução contra a realeza e anticlerical irrompeu, porque naquela época a Igreja e o trono estavam misturados.

É NESTE CONTEXTO QUE SE REALIZAM AS VISÕES DO CORAÇÃO DE SÃO VICENTE, DE NOSSO SENHOR NA EUCARISTIA E DAS APARIÇÕES MARIANAS

Diante da miséria humana e espiritual que reinava no país no alvorecer desta sociedade industrial nascente, a Virgem Maria parecia querer lembrar a todos de verdades importantes. Neste contexto anticlerical da época, a aparição assume um alívio impressionante: enquanto o “*Tout-Paris*”⁶⁶ aplaude Satanás, Maria, na Rua du Bac, o esmaga com seu pé. A Aparição se apresenta como “*Nossa Senhora das luzes*”, luzes divinas que atraem sem cegar e que nada têm a ver com as chamadas luzes dos filósofos do século anterior. A luz divina, comunicada por Maria, é o contraponto às ideias anticlericais e à indiferença religiosa da época.

VI - QUAL SANTIDADE?

O Padre Laurentin escreve: “*Ao seguir Catarina dia após dia em sua vida diária e suas heroicas aventuras na Comunidade, ela aparece como a primeira testemunha de um novo tipo de santidade, sem glória humana nem triunfos, que o Espírito Santo começava a preparar para os tempos modernos*”.

O OLHAR DE CATARINA

Além das visões excepcionais, Catarina viveu uma vida normal, uma vida de amor e de serviço. Ela realizou as atividades mais comuns de sua vida de serviço em profunda união com Deus. Sua simplicidade é fascinante. Tudo nela é simples, ela faz todas as coisas por Deus. Esta grande clareza interior da alma lhe dá uma fineza espiritual, uma capacidade de ver Deus

⁶⁶ *Tout-Paris* – este termo refere-se às principais personalidades da época que costumavam ir aos eventos sociais da capital ou a lugares da moda.

em tudo e de ver tudo em Deus. Este é o verdadeiro segredo de Catarina e um de seus carismas.

Porque ela está unida a Deus, a maneira como olha para os acontecimentos e para as pessoas é aquela que vê unidade e não divisão, ela não olha para as traições, ela olha para Deus que ama e se reconcilia. *“Quando os idosos chegavam bêbados em casa, ficamos surpresas que ela não os repreenda mais e permaneça benevolente para com eles. E ela respondia incansavelmente: “O que você quer, eu vejo Nosso Senhor neles”.*

OS CARISMAS DE CATARINA

Catarina também recebeu dons carismáticos muito especiais: todo o universo sobrenatural se tornou “visível” para ela, incluindo os anjos, pelo menos seu anjo da guarda que, durante a visão de 18 a 19 de julho, a levou até a capela para encontrar Maria. Desde sua juventude, Catarina teve o dom de perceber as coisas da fé e de se comunicar intuitivamente com o universo invisível; ela nunca pareceu surpreendida pelos fenômenos que se desdobraram diante de seus olhos e ouvidos; nela havia algo natural em ver o Céu.

É preciso destacar a importância das visões de Nosso Senhor na Eucaristia, o Sacramento da comunhão por excelência com Deus e com os irmãos. É algo que acontece no seu coração, ela acessa misteriosamente a realidade e recebe graças excepcionais de extraordinária profundidade. Não imaginemos como foi, pois não é imaginável, é um encontro de intimidade profunda. Estas visões revelam acima de tudo que, nas intuições místicas de Catarina, Jesus nunca está separado de sua Mãe Imaculada. Da mesma forma que a Cruz estará sempre envolvida nas aparições marianas: a cruz no pequeno globo de ouro, no verso da Medalha com os dois corações trespassados.

UM DOM DE PROFECIA, UMA PREVISÃO

Algumas vezes Catarina experimentou intuições sobrenaturais que apareceram como previsões, por exemplo:

Durante sua visão de Cristo na Eucaristia de 6 de junho de 1830, festa da Santíssima Trindade, a visão tornou-se triste, até mesmo angustiante: *“Parecia-me que Nosso Senhor foi despojado de todos os seus ornamentos”.*

A breve vida da Irmã Lindalva

Esta visão da Paixão de Jesus é muito diferente das anteriores e seguintes, Catarina acrescenta: *“Não posso explicar, mas tive o pensamento de que o rei da terra seria perdido e despojado de suas vestes reais... Na verdade, pensei que o rei da terra seria destronado e despojado de sua insígnia real: e todo tipo de ideias impossíveis de expressar vieram a mim sobre os infortúnios que resultariam disso”*. Aqui, uma realidade espiritual, teológica e um acontecimento histórico são misturados e, por assim dizer, assimilados: o encontro do rei da terra e do rei do céu, o pressentimento da Revolução de julho e a queda de Carlos X.

Foi, no entanto, algumas semanas antes que ela anunciou estes dias revolucionários e até deu detalhes: “o trono será derrubado”. Entretanto, segundo os historiadores, parece que a Revolução de julho foi repentina e imprevisível no mês anterior. Ninguém esperava uma mudança de dinastia. O Rei Carlos X tinha acabado de restaurar sua reputação além de todas as expectativas. Depois de enviar suas tropas ao Norte da África em 14 de junho de 1830, Argel havia se rendido 21 dias depois, em 5 de julho. Todos os franceses pensavam que este rei era muito glorioso. Assim, na opinião do público, junho de 1830 não foi um mês conturbado, quando o povo esperava uma revolução. Mas foi isso que aconteceu! 23 dias após sua vitória na Argélia, o rei Carlos X foi derrubado. *“Isto sugere que Catarina estava sintonizada com o movimento (secreto) da história, que ela sentia o que os políticos mais sábios de seu tempo não sentiam, ou apenas sentiam de uma forma confusa sem ousar temer”*⁶⁷.

Catarina anunciará que a Casa em Reuilly seria preservada durante um violento incêndio na fábrica de papel de parede adjacente à Capela; isto aconteceu em 1863 contra todas as probabilidades.

Durante a guerra civil de 1871, ela fala da proteção da Virgem sobre a Comunidade. De fato, as Irmãs passaram pela Comuna sem grandes danos.

No início de 1876, ela pressente a sua morte: *“Não verei o próximo ano”* e a revelação do lugar absolutamente imprevisível da sua sepultura sob a capela da Comunidade: *“não haverá necessidade de um carro funerário, eu irei a Reuilly”*. Como sabemos, Catarina morreu em 31 de dezembro de 1876 e foi enterrada em Reuilly, contra todos os costumes e regulamentos habituais.

CONCLUSÃO

Neste contexto histórico do século XIX, Catarina se revela como uma mulher de comunhão.

Ela que viveu intensamente da Eucaristia, sacramento da Comunhão com todos: com os pobres, com as Irmãs, com sua família... e mesmo entre as gerações e classes sociais. Sua vida ilustra maravilhosamente esta frase da encíclica *Laudato Si*, “*Estas narrações sugerem que a existência humana se baseia sobre três relações fundamentais intimamente ligadas: as relações com Deus, com o próximo e com a terra*” (nº 66), ela testemunha que indo a Deus, não nos distanciamos das pessoas, mas ao contrário, tornamo-nos verdadeiramente próximos delas, porque “*cada criatura é objeto da ternura do Pai*” (cf. nº 77). O mundo rural no qual Catarina cresceu foi certamente uma escola de realismo para ela. Ela conhecia bem o contato com a natureza e a beleza da paisagem, o que a lembrava da bondade do Criador. Pode-se imaginar com que consciência ela pronunciou “*Creio em um só Deus Pai, criador do céu e da terra*”?

Em pleno século XIX, o chamado das aparições à oração, a uma fé profunda e a uma caridade ativa, também tinha um significado muito forte. Ao enviar Maria como plenipotenciária a Catarina neste momento de angústia, Deus estava tomando uma posição contra a miséria extrema e a injustiça. Também seria interessante refletir sobre o pedido de Nossa Senhora segurando o globo em suas mãos. Podemos ficar impressionadas com o caráter moderno desta manifestação com sua nova ideia de “*Maria, Rainha do Universo*”. Para Catarina, o universo não significava o cosmos, as estrelas, mas todos os países da Terra, toda a humanidade no sentido da Igreja universal, ou seja, todas as nações. O silêncio de Catarina significou que ela teve que esperar dolorosamente pela estátua que Maria havia solicitado, mas o significado desta representação foi e continua sendo de grande interesse hoje. Esta mensagem não é apenas para a época de Catarina, é para nós, hoje.

À luz da encíclica *Fratelli tutti*, será que não podemos ouvir o sonho de Nossa Senhora de fraternidade e amizade social? E a cor dourada do globo não é um convite para viver um amor fraterno que supere as barreiras da geografia e do espaço, para semear a paz e a fraternidade em toda parte, colocando-nos a serviço dos mais pobres, daqueles que são abandonados ou marginalizados? E a pequena cruz no topo do globo não nos diz que a fraternidade nos é dada por Cristo, nosso Irmão? A fraternidade não é uma escolha, é um presente de Deus a ser recebido e uma tarefa a ser cumprida.

A breve vida da Irmã Lindalva

E a Virgem Imaculada, que está completamente unida a Cristo, é de fato a primeira de nossa humanidade a nos ensinar a viver como irmãos e irmãs do mesmo Pai. Eis um desafio formidável a ser enfrentado: restabelecer a comunhão entre todos, trabalhar para que cada um encontre seu lugar no novo mundo⁶⁸.

Irmã Anne PRÉVOST

Filha da Caridade

⁶⁸ Les sources : R. Laurentin, "Vie authentique de Catherine Labouré", Vie et Preuves. A. Dodin, "Sainte Catherine Labouré et la Médaille miraculeuse". A. Bernet, "La vie cachée de Catherine Labouré"